



Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

março-abril de 2013



Exemplar avulso: R\$ 11,30



UNIDADE ECLESIAÍSTICA

Como superar seus desafios e conflitos

O batismo de Cristo e seu significado hoje, p. 12

Crescimento de igreja: O binômio da multiplicação, p. 24



Efeitos da espiritualidade bíblica

Diante de abordagens extrabíblicas sobre a nutrição da vida espiritual, faria bem aos cristãos compreender o verdadeiro conceito da espiritualidade bíblica. No caso de a experimentarmos, de que modo ela se manifesta? Numa dimensão meramente vertical (como compreendemos e crescemos em Cristo)? Ou numa dimensão também horizontal (como nos relacionamos com outras pessoas)? Quero sugerir quatro efeitos da verdadeira espiritualidade bíblica, especialmente no que se relaciona com pastores.

Amor pelo Deus da Palavra. Tão importante como estudar a Bíblia diariamente é o perigo de alguém transformar esse estudo em uma forma de salvação pelas obras, apenas mais um item da agenda, que tem de ser cumprido. Ademais, estudar as Escrituras sem completa submissão à guia do Espírito Santo pode levar o estudante à mera busca de confirmação para suas pressuposições ou ideias sobre determinado assunto.

Certamente, ler a Palavra faz com que obtenhamos informações sobre Deus; mas não nos leva necessariamente a nos apaixonarmos por Jesus. Embora raramente admitida, existe a possibilidade de que alguém possa amar a Palavra de Deus sem amar o Deus da Palavra. Paulo falou da possibilidade de perda espiritual, pelo fato de os seres humanos rejeitarem “o amor à verdade que os poderia salvar” (2Ts 2:10). A espiritualidade bíblica me compele a amar de todo o meu coração o Deus da Palavra.

Rendição total à vontade de Deus. Se o amor ao “eu” foi o alicerce do primeiro pecado de Adão, é compreensível que o egoísmo seja nosso maior inimigo interno. Como pastores e pregadores, enfrentamos as mesmas tentações; por exemplo, comparar o tamanho de nossa congregação com o de outras, focalizar sobre nossos títulos e formação acadêmica, entre outras.

Durante a última noite de Jesus na Terra, Ele abriu o coração diante do Pai, em oração; mas terminou a prece dizendo: “Contudo, não seja feita a Minha vontade, mas a Tua” (Lc 22:42). Assim, entregou Seu caminho, Sua vida,

ao plano de Deus para Ele. A espiritualidade bíblica nos motiva a não buscar o caminho de menor esforço, mas a trilhar o caminho que Deus traçou para nós, independentemente das aparentes inconveniências.

Aplicação da regra áurea. Ainda na infância, fui ensinado a decorar Mateus 7:12. Isso significa que eu sempre devia me colocar no lugar do outro e perguntar a mim mesmo como gostaria de ser tratado, estando em igual situação. Fazer isso exige autossacrifício; que eu abra meus olhos para ver outros, que suas necessidades podem ser mais prementes que as minhas. Requer que desviemos o foco de nós mesmos bem como de nossos interesses pessoais.

Jesus estabeleceu o modelo de verdadeiro serviço, no trato com Seus discípulos: “Como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:28). A espiritualidade bíblica requer que vivamos o ensinamento de Paulo: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos” (Fp 2:3).

Obediência. Esse conceito envolve tudo desde a incondicional e completa fidelidade à vontade de Deus, resultante de nosso amor por Ele (Jo 14:15), à missão de fazer discípulos (Mt 28:19). Alguns gostam de enfatizar o modelo apresentado em Atos 6, que realça a necessidade pastoral de investir tempo em oração e no ministério da Palavra. Porém, falham em não acentuar devidamente o modelo de Jesus – um Pastor que gasta tempo com pessoas que vagueiam “como ovelhas sem pastor” (Mt 9:36). A espiritualidade bíblica nos inspira a seguir unicamente o método de Cristo, o qual leva ao verdadeiro sucesso, e que envolve nossa interação com os perdidos, desejando o melhor para eles, conquistando a confiança deles antes de convidá-los a seguir a Cristo (*A Ciência do Bom viver*, p. 143).

Minha oração é para que minha vida pessoal e profissional esteja alinhada com a vontade de Deus. Anseio pela verdadeira espiritualidade bíblica! Que essa também seja a esperança e a oração de todos os ministros do evangelho. ▀

“O estudo da Bíblia deve alinhar nossa vida com a vontade de Deus”

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor Associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Projeto Gráfico:

Marcos Santos

Fotos:

Capa - © denis_pc | Fotolia

Editor - Daniel Oliveira

Autores - cortesia e Ministry

Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Rafael Rossi;

Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira; Bolívar Alaña; Carlos Sanchez; Daniel Marin; Edilson Valiante; Eliézer Júnior; Eufrazio Quispe; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Jeú Caetano; Jim Galvão; Leonino Santiago; Salomón Arana.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 54,90

Exemplar Avulso: R\$ 11,30



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.



Tudo por um resgate

Enquanto escrevo este editorial, há um jovem brasileiro desaparecido, faz alguns dias, nas montanhas do Peru. Demonstrando otimismo, mas indubitavelmente aflitos, os pais empreendem todo esforço possível a fim de encontrá-lo, num desfecho que, neste momento, pode ser pintado a bel prazer da nossa imaginação. Esses pais não são os primeiros nem os únicos a viver a angustiante expectativa envolvida na busca de um filho perdido. Infelizmente, sabemos que notícias nesse sentido são frequentes e as causas podem ser atribuídas tanto às aventuras perigosas, em busca do desconhecido, como à violência – sequestro, por exemplo. Quão indescritivelmente intensa deve ser a alegria do encontro com o perdido! Quão igualmente indescritível deve ser a tristeza de não conseguir resgatá-lo, ou de encontrá-lo sem vida!

Diante disso, podemos indagar a nós mesmos: “De que modo reagiríamos, caso estivéssemos envolvidos em situação semelhante? Qual seria nossa prioridade, se soubéssemos que um filho está perdido? Com quanta intensidade e dedicação oraríamos e o buscaríamos?” É nesse ponto que nos deparamos uma vez mais com o desmedido interesse de Deus em salvar uma pessoa. Aqui, temos uma pálida ideia do intenso “júbilo no Céu por um pecador que se arrepende” (Lc 15:7), e do angustiante lamento de Jesus sobre Jerusalém (Lc 13:34). Acaso, temos nós alimentado o mesmo sentimento em relação aos que se encontram perdidos, longe de Deus? Como resumiu um pregador, “se um homem pode estar perdido ou salvo por toda a eternidade (e ele pode), então a coisa mais importante do mundo é trazê-lo a Jesus Cristo”.

Conseqüentemente, evangelização não é apenas um programa opcional da igreja, mas um estilo de vida que se expressa em ação redentora. É a paixão que levou Paulo a dizer: “Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1Co 9:16) e levou David Brainerd a tossir sangue dos pulmões tuberculosos, quando sobre a neve orava pela conversão de uma tribo indígena. Evangelização é a paixão que custou a Deus o próprio Filho, e custou ao Filho feridas profundas, escárnio, suor, sangue e morte humilhante, para ver em cada decisão de aceitá-Lo como Salvador o “penoso trabalho de Sua alma” e ficar satisfeito (Is 53:11).

Ainda seminarista, ouvi um notável evangelista definir evangelismo como “assalto ao inferno” a fim de resgatar pessoas raptadas pelo inimigo e por ele destinadas à perdição. Nesse “assalto”, podemos esperar todas as reações, obstáculos externos e internos engendrados pelo inimigo. Porém, trabalhando unidos, em oração e sob o poder do Espírito Santo, testemunharemos as maravilhas operadas por Deus e seremos participantes do glorioso desfecho. ■

Zinaldo A. Santos

10 CRISTÃOS NO MUNDO PÓS-MODERNO

Como aproveitar as oportunidades que o pós-modernismo oferece ao evangelismo.

12 "DEIXA POR ENQUANTO"

Que significa o batismo de Cristo, hoje, para o cristão?

15 ESTRATÉGIA TRANSFORMADORA

Um método infalível para fazer a igreja crescer.

17 EM DEFESA DA UNIDADE

Como superar conflitos na igreja.



24 O BINÔMIO DA MULTIPLICAÇÃO

Teólogo revela dois fatores indispensáveis ao crescimento da igreja.

27 O PASTOR QUE A IGREJA ESPERA

A vida ministerial envolve compromisso incondicional com o Reino de Deus.

32 QUESTÃO DE ATITUDE

É possível manter sempre a mentalidade voltada para o êxito.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

30 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

“É necessário que haja pastores que modelem a si mesmos e o ministério que realizam, de acordo com o padrão do Pastor-Chefe. Afinal, o clamor da igreja é por pastores legítimos.”

E. Glenn Wagner

Embaixador vitalício



Foto: Cortesia do entrevistado

“Sem remorsos, abandonei o sonho de ser diplomata brasileiro, para trabalhar em favor do Reino celestial, até à morte, ou até que Jesus venha”

por Zinaldo A. Santos

Filho de pais católicos praticantes, o pastor Aliomar Moura e Araújo se tornou adventista do sétimo dia, graças à influência da Escola Adventista de Itaquara, estado da Bahia, nos anos 60. Seu pai, influente político na região (chegou a ser prefeito da cidade), também aceitou Cristo e se uniu à igreja adventista. Motivado por essa influência política, o jovem Aliomar alimentou o sonho de se tornar diplomata. Foi durante a época em que estudava, preparando-se para alcançar esse objetivo, que ele sentiu o chamado divino para se tornar embaixador

do Reino celestial. Depois de alguma relutância, aceitou o chamado e iniciou a carreira ministerial em 1972, tendo concluído o curso teológico, no Instituto Adventista de Ensino, atual Unasp, campus de São Paulo. Além desse preparo ministerial básico, Aliomar estudou Línguas Orientais (hebraico), na Universidade de São Paulo, e Letras, na Universidade Federal da Bahia. Também concluiu o mestrado em Teologia, no IAE, em 1984. De seu casamento com a enfermeira Nilza Boreli Tormes, em 1974, nasceram dois filhos: Nilton, advogado em Salvador, BA, e Alini,

falecida num acidente automobilístico quando estudava na Universidade Adventista del Plata, na Argentina em 1999, perto de completar 21 anos. Jubilado no início deste ano, o pastor Aliomar compartilha nesta entrevista um pouco da experiência adquirida ao longo de 40 anos de ministério ativo.

Ministério: *Quais são seus sentimentos neste início de jubilação do trabalho pastoral?*

Aliomar: É muito bom olhar para trás e ter o sentimento de dever cumprido, sentir-se imensamente

abençoado, com a certeza de ter visto a mão do Todo-poderoso guiando, mantendo e sustendo. Há um inexprimível sentimento de gratidão. Com toda força, brota em meu coração um abarcante louvor que me faz quase explodir de alegria e desejo de servir ainda mais a meu Senhor.

“Nosso crescimento numérico e espiritual será muito maior à medida que trabalharmos mais ligados ao Espírito Santo”

Ministério: *A expectativa do sucesso esquecimento parece ser o “fantasma” de muitos pastores prestes a jubilar-se. Isso preocupa o senhor?*

Aliomar: Não. Isso não me preocupa. Para mim, o pastor só se aposenta, realmente, quando morre. Enquanto em mim houver alento de vida, continuarei servindo ao Senhor, com imenso prazer, através de muitas outras maneiras. No início dessa fase, pretendo fazer algumas viagens com minha esposa. Depois, sempre que estiver na igreja da qual for membro, estarei à disposição para ajudar o pastor, de maneira discreta e dentro dos limites da ética ministerial.

Ministério: *O que o senhor acha que pode ser feito para amenizar o impacto que alguns pastores sentem, ao se aproximar a jubilação?*

Aliomar: Acredito que, ao ingressarem no ministério, os pastores devem ter consciência de que chegará o tempo em que deverão ceder o lugar a outro mais jovem, assim como houve outros no passado que deixaram lugar para eles. Essa é a lei da vida; uma lei que é aplicável a todos. Também acredito que a Associação Ministerial, por exemplo, deve conhecer seus pastores, de tal maneira que os acompanhe, aproximando-se

daqueles que eventualmente acabem sentindo o impacto desse momento, lembrando a esses, com gratidão e reconhecimento, a glória do ministério que desenvolveram e, sobretudo, seu futuro junto ao Mestre. Ademais, a jubilação não é o fim da vida nem o fim da vocação do pastor; é apenas outra fase da vida pastoral. Como afirmei anteriormente, o ministério é vitalício. Somente com a morte o pastor encerra sua carreira.

Ministério: *Para o senhor, o que significa ser pastor, pregador do evangelho?*

Aliomar: Ser pastor é ser um homem chamado por Deus para viver junto a Ele, encher-se de Seu amor e transmitir esse amor a todas as pessoas e por todas as maneiras. Repito: esse homem deve permanecer junto de Deus, todo o tempo, permitindo-se encher desse amor. Isso envolve algo mais do que pregar. Aliás, sem essa experiência, não há pregação poderosa e efetiva.

Ministério: *Como e quando foi que tudo isso começou em sua vida?*

Aliomar: No fim do ano 1966, o pastor Moisés Nigri e eu descíamos a ladeira que leva ao Hospital Silvestre, no Rio de Janeiro. Naquele trajeto, ele me perguntou o que eu fazia e o que desejava ser. Respondi-lhe que estudava no Colégio Pedro II e que estava sendo educado para ser diplomata. Justamente com esse objeto, eu estava estudando no Rio de Janeiro. O pastor Nigri fez outra pergunta: “Por que não ser embaixador do Senhor Jesus?” Eu frequentava a igreja de Botafogo, onde era professor na Escola Sabatina e diácono. Sendo amigo do pastor daquela igreja, Voltaire Cavaliere, eu conhecia a dinâmica da vida pastoral. Então, respondi que minha vocação era ser diplomata. Inclusive, frequentava o Palácio do Itamarati, era conhecido do então ministro Juraci Magalhães, amigo do meu pai. Despedimo-nos, mas em janeiro de

1968, estando na casa do irmão Haroldo Castro Lobo, o assunto novamente veio à tona. Então, ele e eu resolvemos provar Deus e a resposta divina foi afirmativa. Decidi atender Seu chamado e abandonei, sem remorsos, o sonho de ser embaixador brasileiro, para ser embaixador do Reino celestial, a serviço do meu Rei Jesus a quem sirvo e servirei até à morte ou até que Ele venha.

Ministério: *Que atividades o senhor desempenhou na Igreja?*

Aliomar: Depois de haver terminado o preparo ministerial no IAE, em 1971, do início de 1972 até o início de 1980, trabalhei como pastor distrital nos estados da Bahia e de Sergipe. A partir daí, tive o privilégio de ocupar a liderança dos departamentos de Jovens Adventistas, Educação, Saúde e Mordomia, na então Missão Bahia, pois o estado de Sergipe passou a fazer parte da antiga Missão Nordeste. No período em que trabalhei como diretor de Educação, foi lançada a pedra fundamental do Iaene. Posteriormente, pedi para voltar a pastorear igrejas e me tornei o primeiro pastor daquele colégio. Em seguida, pastoreei outras igrejas e depois voltei ao Iaene como diretor interno e pastor da igreja, quando foi estabelecido o Seminário de Teologia. Depois disso, trabalhei como capelão de hospital e nessa atividade também me senti realizado. Ministrando a pessoas afligidas por várias enfermidades foi algo que muito me enriqueceu pastoralmente. Meu último distrito foi o da igreja central de Salvador. O ministério especificamente pastoral sempre me proporcionou a maior satisfação. Nada se compara ao trabalho de visitar, apelar, instruir membros e interessados, ensiná-los a amar a Jesus e testemunhar a resposta deles.

Ministério: *Uma de suas igrejas acabou se tornando referência no trabalho com pequenos grupos. Fale sobre essa experiência.*

Aliomar: Nesse ponto, a igreja do Cabula (em Salvador, BA) foi especial, com uma liderança envolvente, comprometida com a pregação do evangelho, e que aceitou plenamente a filosofia de trabalho com pequenos grupos. Ao assumir aquela igreja, não havia alternativa senão juntar-me a ela nesse propósito. A igreja tinha aproximadamente 240 membros e 22 pequenos grupos funcionando com muito entusiasmo. Todos sentiam a mão de Deus estendida para abençoar e o Espírito Santo convencendo as pessoas. O lema da igreja era: “Unidos em missão”. E todos os membros falavam a mesma coisa, testificando o que Deus realizava na vida deles. Realizamos vários encontros de inspiração e treinamento na Universidade Estadual da Bahia, lotando o auditório para 600 pessoas. Tivemos uma classe bíblica com 220 pessoas na Escola Sabatina e, em 1999, batizamos 185 pessoas. A igreja cresceu e exerceu influência marcante no bairro, pois a comunidade via a transformação da vida de ex-viciados, alcoólatras, traficantes e das famílias. Era impossível não se deixar contagiar pelo entusiasmo dos pequenos grupos. Por meio deles, muitas pessoas conheceram e aceitaram Jesus e todas as necessidades da igreja foram supridas.

Ministério: Qual foi a ênfase evangelística da última igreja que pastoreou (central de Salvador)?

Aliomar: A igreja central de Salvador sempre esteve e ainda está plenamente engajada nos projetos “Esperança” e “Reavivamento e reforma”. Quase 50 mil livros *A Grande Esperança* foram adquiridos e continuam sendo distribuídos. Em 2013, a igreja tem como objetivo atingir o centro histórico da cidade e bairros adjacentes, deixando um livro e o DVD gravado pelo pastor Luiz Gonçalves em cada lar, de acordo com o programa de trabalho da Divisão Sul-Americana. Graças ao

testemunho de uma das nossas irmãs, fomos convidados a participar de um culto de gratidão com os três mil operários da Arena Fonte Nova (estádio da Copa do Mundo). O culto foi promovido em razão de não ter havido nenhum acidente durante 30 dias entre aqueles trabalhadores. Naquela ocasião foram distribuídos três mil livros. No projeto “Vida por Vidas”, doamos muito mais sangue do que o Hemoba podia armazenar. E o pessoal daquela unidade de saúde se revelou altamente impressionado pela ótima qualidade do sangue do nosso povo. A igreja continua firme no trabalho de alcançar as metas estabelecidas.

“A jubilação não é o fim da vida nem da vocação do pastor; é apenas outra fase da vida pastoral. Somente com a morte o pastor encerra sua carreira”

Ministério: O que mudou no trabalho pastoral, desde a época em que o senhor iniciou seu ministério até hoje?

Aliomar: Bem, evidentemente algumas coisas mudaram. Em primeiro lugar, posso dizer que os administradores se aproximaram mais dos pastores distritais, tornando-se mais acessíveis. Em segundo lugar, a participação da igreja e dos pastores na elaboração dos planos é essencial e, certamente, torna mais produtivos esses planos. O planejamento imposto, que vem de cima, limita a criatividade dos pastores. Também temos buscado mais informações de fontes externas, no que diz respeito a métodos de trabalho evangelístico. Porém, não devemos nos esquecer de que o melhor método de trabalho pastoral, evangelístico e administrativo é o método de Cristo, amplamente exposto na Bíblia e nos escritos de Ellen G. White. O Mestre

trabalhava intimamente ligado ao Pai e ao Espírito Santo. Deles buscava poder em Seus momentos intensos de comunhão. Não há nenhuma dúvida de que nosso crescimento numérico e espiritual será muito maior à medida que trabalharmos mais ligados ao Espírito Santo, por meio da oração e da ação.

Ministério: Que mensagem especial o senhor deseja transmitir aos pastores adventistas da América do Sul?

Aliomar: Meu desejo é que todos nós busquemos uma experiência pessoal cada vez mais rica e abundante com Jesus e que partilhemos isso com nossas igrejas. Que as pessoas às quais ministramos, pregamos e ensinamos vejamos em nós uma dinâmica e divina unidade, uns com os outros e todos com Cristo. Devemos refletir nas palavras de Ellen G. White: “Quando o povo de Deus crer plenamente na oração de Cristo, quando praticarem na vida diária as instruções nela contidas, será vista em nossas fileiras unidade de ação. Irmão se achará ligado a irmão, pelos laços áureos do amor de Cristo. Unicamente o Espírito de Deus pode efetuar essa unidade. Aquele que Se santificou a Si mesmo pode santificar também Seus discípulos. A Ele unidos, também estarão unidos entre si, na mais santa fé. Quando buscarmos essa unidade com o empenho que Deus deseja que empreguemos, ela virá a nós. Não é o grande número de instituições, nem grandes edifícios, nem a aparência externa que Deus requer, mas a ação harmoniosa de um povo peculiar, um povo escolhido por Deus e precioso, unido um ao outro, tendo a vida escondida com Cristo em Deus. Cada homem deve estar em seu lugar, desempenhando sua tarefa, exercendo influência correta em pensamento, palavras e ações. Quando todos os obreiros assim procederem, e não antes, Sua obra será um todo completo e simétrico” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 247). ▀



Vitrines perigosas



A esposa do pastor precisa ser vigilante, pois o inimigo utiliza muitas armas na tentativa de seduzi-la

Certo dia, uma linda mulher passeava sozinha, como se estivesse em um “shopping”, observando deslumbrada cada uma das vitrines. Tão entretida estava que nem percebeu quando um desconhecido se aproximou e começou a conversar. Absorvida com tudo o que via, deixou-se levar pela conversa amigável.

Depois de ganhar a confiança dela, o estranho lhe ofereceu um produto supostamente maravilhoso, insistindo para que ela o experimentasse. Ela aceitou e, desde então, o mundo sofre com a triste escolha feita por Eva, a mulher que aceitou experimentar o desconhecido.

Como esposas de pastores, a exemplo de Eva, também passeamos sozinhas pelo mundo. Nem sempre nosso esposo pode nos acompanhar em um passeio de domingo, uma visita a familiares ou viajar com a família num feriado. Muitas mulheres se queixam de estar sempre sozinhas. Se têm filhos pequenos, quase sempre vão à igreja acompanhadas apenas de crianças, pois não podem ir com o esposo, cada sábado, a uma igreja diferente.

Aquelas que trabalham fora nem sempre têm oportunidade de apresentar o cônjuge aos colegas, mesmo nas atividades sociais. E existem as estudantes que se sentem inapropriadas, ao interagir com pessoas bem mais jovens, a maioria das quais adota valores diferentes. Portanto, enfrentamos os mesmos perigos enfrentados por Eva.

O perigo

Ellen G. White escreveu: “Os anjos haviam advertido Eva de que tivesse o cuidado de não se afastar do esposo enquanto se ocupavam com seu trabalho diário no jardim. Junto dele, ela estaria em menor perigo de tentação, do que se estivesse sozinha. Mas, absorta em sua aprazível ocupação, inconscientemente se desviou de seu lado. Percebendo que estava só, sentiu uma apreensão de perigo, mas afugentou seus temores, concluindo que ela possuía sabedoria e força suficientes para discernir o mal e resistir-lhe. Esquecida do aviso do anjo, logo se achou a contemplar, com um misto de curiosidade e admiração, a árvore proibida. O fruto era muito belo e ela perguntava a si mesma por que seria que Deus os privara desse fruto. Era então a oportunidade do tentador” (*Patriarcas e Profetas*, p. 53, 54).

Como fiéis representantes de Deus, conhecemos os valores pelos quais devemos viver e agir. Não ignoramos os conselhos divinos, mas, a exemplo de Eva, às vezes os questionamos, esquecidas de que “tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito” (Rm 15:4).

O inimigo sabe quais são nossos desejos e necessidades. No caso de Eva, ao contemplar a beleza da árvore da ciência do bem e do mal, tão atraente e aparentemente inofensiva, “ficou surpresa e admirada quando assim

pareceu ouvir o eco de seus pensamentos” (Ibid., p. 54). O que lhe causou a ruína foi parar a fim de contemplar e conjecturar sobre a sugestão do inimigo. “Em vez de fugir do local, deteve-se, maravilhada, a ouvir uma serpente falar... não tinha ideia alguma de que a fascinadora serpente pudesse tornar-se o intermediário do adversário decaído” (Ibid., p. 54).

Precisamos ficar atentas. Hoje, também existem “vitri-nes” sedutoras e perigosas que têm atraído nossa atenção. Aqui estão algumas delas:

Amizades. Não somos ilhas. Fomos feitas para relacionamentos, gostamos de companhia. Precisamos dar e receber atenção, trocar ideias, ouvir e ser ouvidas. E, nessa ânsia por companhia, sentindo falta da presença constante daquele que deve ser o mais íntimo em sua vida, algumas de nós se aventuram a buscá-la fora do lar e, às vezes, fora da igreja, apesar de todos os riscos envolvidos.

Outras, associando-se intimamente com irmãs da igreja, passam a lhes confiar sonhos, desejos, pensamentos e lutas pessoais. Às vezes, criticam o esposo, expondo seus defeitos, minando o respeito e consideração que a congregação deve ter pelo pastor. É preciso ter cuidado, pois a pessoa considerada “melhor amiga” pode trair a confiança, comprometendo assim o caráter e a reputação da família pastoral.

Trabalho. Nada existe de errado no fato de uma esposa de pastor procurar trabalho, dentro de sua especialização, mesmo fora da igreja, quando esta não pode empregá-la em alguma atividade. O problema é que, ao trabalhar fora, algumas acabam enredando o esposo, levando-o a se envolver “em negócios desta vida” (2Tm 2:4). Nesse caso, o pastor acaba não conseguindo atender as ovelhas. E a esposa, que devia ajudá-lo, dificulta ainda mais a realização do trabalho pastoral.

Estudo. É também inegável o fato de que devemos crescer e ampliar nossos horizontes. Mas é visível a mudança operada em algumas irmãs, ao ingressarem no meio acadêmico. Paradigmas são mudados, princípios aparentemente são esquecidos e elas perdem a oportunidade de ser o “sal da Terra” e a “luz do mundo”. Além disso, também adotam o estilo de vestimenta, palavreado, costumes e padrões de comportamento estranhos no relacionamento com o sexo oposto. Tem havido casos em que o pastor precisa deixar a missão a que foi chamado por Deus, para se adaptar ao novo estilo de vida da esposa.

Internet. Ninguém desconhece e nunca é demais insistir nos perigos do mundo virtual. Muitas vivem

longe de familiares, amigos, do ambiente em que foram criadas. Portanto, é natural querer saber como estão aqueles a quem amam. Entretanto, correm sério risco, ao se expor demasiadamente, colocando em lugares pouco recomendáveis fotos pessoais, com imagens descontraídas. Devemos nos lembrar de que, dessa forma, damos aos outros a visão de quem somos ou de quem gostaríamos de ser.

As consequências

Quais são os resultados da contemplação dessas vitrines? Note a descrição feita por Ellen White sobre a experiência de Eva: “Então, havendo ela transgredido, tornou-se o agente de Satanás para efetuar a ruína de seu esposo. Em um estado de exaltação estranha e fora do natural... insistiu com ele para comer, repetindo as palavras da serpente... Ela raciocinava que isso deveria ser verdade,

pois que não sentia evidência nenhuma do desagrado de Deus, mas ao contrário, experimentava uma influência deliciosa, alegre, a fazer fremir toda a faculdade de uma nova vida, influência tal, imaginava ela, como a que inspirava os mensageiros celestiais” (Ibid., p. 56).

Este é o grande perigo: o de que a esposa acabe influenciando negativamente o esposo, levando-o a condescender imperceptivelmente com os mesmos padrões, o que tornará seu ministério árido e infrutífero.

Por isso, a advertência permanece: “Eva tinha sido perfeitamente feliz ao lado do esposo, em seu lar edênico; mas, semelhante às inquietas Evas modernas, lisonjeou-se com a esperança de entrar para uma esfera mais elevada do que aquela que Deus lhe designara. Tentando erguer-se acima de sua posição original, caiu muito abaixo da mesma. Idêntico resultado será alcançado por todas as que estão indispostas a assumir com bom ânimo os deveres da vida, de acordo com o plano de Deus. Em seus esforços para atingir posições para as quais Ele não as adaptou, muitas estão deixando vago o lugar em que poderiam ser uma bênção. Em seu desejo de uma esfera mais elevada, muitas têm sacrificado a verdadeira dignidade feminina, e a nobreza de caráter, e deixam por fazer precisamente o trabalho que o Céu lhes designou” (Ibid., p. 59).

Ao aceitar ser esposa de pastor, você aceitou o chamado de Deus para estar ao lado de seu esposo, ser uma bênção para ele, para os filhos, para a igreja, para a comunidade e para você mesma. Não se contente com menos do que isso. Fuja dos desejos de Eva! ❧

“A esposa do pastor foi chamada a ser uma bênção para ele, os filhos, a igreja, a comunidade e para ela mesma”



Cristãos no mundo pós-moderno

Podemos e devemos alcançar os pós-modernistas, utilizando suas próprias armas

O termo *pós-modernidade* surgiu por volta da década de 1930, mas ganhou amplitude a partir da década de 1970. Trata-se de um questionamento da Idade Moderna. Para se entender o pensamento pós-moderno, é preciso vê-lo no contexto do mundo que o deu à luz, ou seja, o mundo moderno. Segundo muitos historiadores, esse período histórico nasceu no alvorecer do Iluminismo, ou mesmo antes, na Renascença, que havia elevado a humanidade ao centro da realidade. Foi um momento de grande otimismo, com o fortalecimento da ideia de que o ser humano poderia dominar a natureza

se descobrisse os segredos dela. A religiosidade medieval teocentrista deu lugar à “religião natural” que, depois, acabou substituída pelo racionalismo cético. Acreditava-se que o conhecimento fosse preciso, objetivo, bom e acessível à mente humana. Assim, a felicidade repousava sobre os avanços científicos e tecnológicos (imprensa, pólvora, caravelas, motores...). Até que eclodiram as duas guerras mundiais.

A desilusão tomou conta da humanidade. “Ao evitar o mito iluminista do progresso inevitável, o pós-modernismo substituiu o otimismo do último século por um pessimismo

corrosivo”, afirma Stanley J. Grenz, em seu livro *Pós-Modernismo* (Vida Nova), p. 20. Não se tem mais certeza de que a mente humana possa organizar a realidade de maneira coesa. O que ocorre a partir daí é um “duelo de textos”, verdades relativas, pontos de vista distintos. Começam os questionamentos na área da linguística e desconstrutivismo. As emoções e a intuição – substituindo a tão valorizada razão – passam a ser vistas como caminhos válidos para o conhecimento, que é sempre incompleto e relativo. Impera a crença no fim da verdade absoluta. O conhecimento é substituído pela

interpretação. Para Jean-François Lyotard, pós-moderno é a “incrédulidade em relação às metanarrativas”, ou cosmovisões (*weltanschauung*).

O *Übermensch* (super-homem) de Nietzsche (filósofo considerado precursor do pós-modernismo) se revelou frágil e, com a morte da ideia de Deus, a humanidade, embalada ainda pela euforia de progresso modernista, mal se deu conta de que morriam junto a família, a moral e a esperança. Mas como viver sem esses valores?

Vazio existencial

Os pós-modernos correram para as prateleiras dos supermercados da fé na tentativa de preencher o vazio da alma com “modismos espirituais”. Como se distanciaram da crença bíblica, passaram a adotar no lugar dela (no lugar do vazio espiritual) todo tipo de irracionalismo. Ao passo que negam a historicidade de Jesus, para não dizer a divindade dEle, acreditam em duendes, cristais e Nova Era. Graças aos resquícios do pensamento iluminista dos quais os pós-modernos talvez nem se deem conta, ao mesmo tempo em que rejeitam a fé tradicional, abraçam credências sem nenhum fundamento racional. Aliás, o próprio Jesus é esvaziado e o cristianismo se torna irracional e místico.

Assim, de um lado está a multidão espiritualmente desorientada tentando encontrar ou escolher uma crença que lhe dê maior satisfação, numa aplicação espiritual do pensamento consumista. De outro lado, mas em menor número, os herdeiros do Iluminismo/Naturalismo, os neoateus e céticos, colocam no mesmo “saco” todo tipo de crença. Onde os cristãos – e particularmente os adventistas – se inserem nesse contexto?

Resistentes que são às verdades reveladas e às instituições religiosas, os pós-modernos precisam ver na vida dos cristãos a diferença e a relevância que eles afirmam encontrar no evangelho. Precisam ver que ainda existe esperança, mas ela não

vem da humanidade: vem do alto. Somente o evangelho vivido sinceramente, genuína e experimentalmente na vida dos cristãos poderá atrair os desesperançados e desesperados pós-modernos, sempre em busca dos prazeres, do consumismo e das experiências místicas que, na verdade, só fazem aumentar o vazio existencial.

A Igreja Adventista nasceu num contexto moderno. Mas não podemos ser nostálgicos a ponto de querer retornar à modernidade. Temos que pregar o evangelho no contexto em que estamos inseridos e esse é o pós-moderno. A apologética ainda tem seu lugar, tendo em vista que os que desafiam as bases racionais da fé – herdeiros do Iluminismo – continuam por aí. Por isso, os cristãos devem se valer de todos os meios possíveis para divulgar a superioridade da Bíblia Sagrada, aproveitando-se dos poderosos recursos da era da informação. Mas nunca é demais lembrar que isso não basta para o pós-moderno.

A modernidade destronou a Revelação e colocou em seu lugar a razão como árbitro da verdade – daí ser necessário, sim, usar a razão para chamar atenção à Revelação. Mas o pós-modernismo minimiza ambas – a Revelação e a razão – e adiciona a intuição e o sentimento. E isso não é ruim, pois, na verdade, a cosmovisão cristã ultrapassa os limites da razão humana, avançando nos domínios do sobrenatural e da fé. “Além disso, os cristãos assumem uma postura cautelosa e até mesmo desconfiada em relação à razão humana. Sabemos que, em decorrência da queda da humanidade, o pecado é capaz de cegar a mente humana. Estamos conscientes de que a obediência ao intelecto, às vezes, pode nos desviar de Deus e da verdade” (*Pós-Modernismo*, p. 237).

A resposta

Se quisermos alcançar os pós-modernos, temos que ir além da mera proclamação racional da verdade. Temos que nos relacionar com eles e mostrar-lhes a relevância prática

do evangelho. Só assim as pessoas poderão ser convencidas de que, afinal, o estilo de vida proposto por Deus é o único que oferece verdadeira esperança. Vendo na vida dos cristãos a felicidade, a harmonia, a saúde, a paz – valores procurados por todos –, muitos se convencerão de que a cosmovisão bíblica tem sentido não apenas para os cristãos, mas que se trata de boas-novas para todos. Além disso, com todo tato e respeito, é preciso mostrar as incoerências (além das potencialidades) do pós-modernismo e a impossibilidade de ajustá-lo ao dia a dia.

O projeto iluminista favoreceu o dualismo “mente” e “matéria”. A nova geração, no entanto, está cada vez mais interessada na pessoa como um todo. Os adventistas, em especial, podem dar sua contribuição apresentando a visão holística que têm do ser humano e a importância que dão à saúde e à educação integrais, ou seja, valorizando os aspectos físico, mental, espiritual e social, exatamente como Jesus fez durante Seu ministério terrestre.

Como os pós-modernos valorizam a vida em comunidade, podemos nos valer de recursos como os pequenos grupos e mesmo as tradicionais reuniões de culto com algum tipo de reformatação, mas sem descambar para o emocionalismo neopentecostal, para mostrar que concordamos com a ideia de que as pessoas se aproximam do saber por meio de uma estrutura cognitiva mediada pela comunidade da qual participam, que também é essencial para a formação da identidade. Na verdade, devemos deixar claro que o conceito de comunidade é extremamente valorizado nas Escrituras.

Embora entendamos que os princípios da Palavra de Deus não devam ser adaptados convenientemente às convenções e aos padrões humanos, é importante compreender o contexto prevaLENTE a fim de que a proclamação do evangelho seja tornada relevante para as pessoas que vivem neste momento histórico. ■



“Deixa por enquanto”

Experimentando o batismo, Jesus antecipou Seu próprio batismo de morte, pelo qual assegurou justiça para todos.

Você já se perguntou por que Jesus foi batizado por João? Qual é o significado desse batismo para os cristãos de hoje? João apareceu no deserto com uma mensagem de arrependimento para perdão de pecados. Fariseus, saduceus, coletores de impostos, soldados e pessoas comuns se reuniam para ouvi-Lo. Vinham de “Jerusalém, de toda a Judeia e de toda a região ao redor do Jordão. Confessando seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão” (Mt 3:5, 6). João promovia reavivamento e reforma, tendo em vista o aparecimento do Messias. Sua mensagem alcançou todas as terras da Judeia e Galileia, incluindo Nazaré.

Ellen G. White afirma: “Em Nazaré repercutiu na oficina de carpintaria que tinha sido de José e houve Alguém que reconheceu o chamado. Seu tempo chegara. Afastando-Se de Seu labor diário, despediu-Se de Sua mãe e seguiu os passos dos compatriotas que afluíam em multidões ao Jordão.”¹

Jesus foi a João para ser batizado. Mas, este “tentou impedi-Lo, dizendo: ‘Eu preciso ser batizado por Ti, e Tu vens a mim?’ Respondeu Jesus: ‘Deixe assim por enquanto; convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça’. E João concordou” (Mt 3:14, 15).

Mateus relata uma série de atos divinos, como aprovação celestial do batismo de Jesus. “Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento o céu se abriu, e Ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre Ele. Então uma voz dos céus disse: ‘Este é o Meu Filho amado, em quem Me agrado’ (v. 16, 17). João adicionou seu testemunho: “Então João deu o seguinte testemunho: ‘Eu vi o Espírito descer dos céus como pomba e permanecer sobre Ele. Eu não O teria reconhecido, se Aquele que me enviou para batizar com água não me tivesse dito: ‘Aquele sobre quem você vir o Espírito descer e permanecer, esse é o que batiza com

o Espírito Santo’. Eu vi e testifico que este é o Filho de Deus” (Jo 1:32-34).

Perceba a presença da Trindade na cena batismal: Jesus saiu da água, a voz de Deus declarou que Jesus é Seu Filho e o Espírito Santo desceu sobre Ele como pomba, capacitando-O para Sua missão. E a missão de Jesus era ser o Cordeiro de Deus, em cumprimento do plano da salvação para a humanidade.

Mas, por que Jesus, o único sem pecado, necessitava ser batizado? Ali estava a multidão de pecadores que realmente necessitavam de perdão para seus pecados, e ser batizados como sinal de nova vida. Mas, Jesus? O próprio João ficou perplexo. “Como poderia ele, pecador, batizar o Inocente? E por que haveria Aquele que não necessitava de arrependimento, de submeter-Se a um rito que era uma confissão de culpa a ser lavada?”² A resposta para essa pergunta é essencial para a plena compreensão do significado do batismo de Jesus.

Cumprindo a justiça

À hesitação de João quanto a batizá-Lo, Jesus respondeu: “convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça” (v. 15). O que significa “cumprir toda a justiça”?

Primeiramente, essa expressão sugere um relacionamento de concerto para seguir a vontade de Deus³ e, nesse caso, um relacionamento entre o Pai e o Filho para implementar o plano de salvação para a humanidade (Jo 3:15-17). O evangelho de João se refere ao compromisso de Jesus com a missão de Deus. Ele afirmou: “Eu tenho um testemunho maior que o de João; a própria obra que o Pai Me deu para concluir, e que estou realizando, testemunha que o Pai Me enviou. E o Pai que Me enviou, Ele mesmo testemunhou a Meu respeito. Vocês nunca ouviram a Sua voz, nem viram a Sua forma, nem a Sua palavra habita em vocês, pois não creem naquele que Ele enviou” (Jo 5:36-38). O Filho recebeu do Pai uma missão a cumprir pela redenção da humanidade. Nesse sentido, Ele estava cumprindo toda a justiça.

Desde o início de Seu ministério, Jesus Se conduziu como servo do Senhor (Is 42:1), que entregou a própria vontade à de Seu Pai; pelas obras que realizou (Jo 4:34), no Getsêmani (Mt 26:36-45), e finalmente na cruz (Lc 23:46). Quando João anunciou “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, estava proclamando a missão universal de Jesus – que Sua morte resultaria na redenção do pecador. Assim, o batismo de Jesus é a apresentação do Cordeiro de Deus e, conseqüentemente, Sua missão salvadora, que trata do problema do pecado e provê o meio pelo qual pecadores podem ser salvos.⁴

O batismo de Jesus revela Sua intenção de seguir o plano do Pai relacionado à salvação, mesmo que esse plano pudesse levar o Cordeiro de Deus à morte. Ele não tinha outra opção, exceto seguir a vontade de Deus, e deixou isso bem claro em Seu diálogo com os fariseus. Embora sendo preexistente e Deus eterno,

submeteu-Se à vontade do Pai. Os fariseus, “não entenderam que lhes estava falando a respeito do Pai. Então Jesus disse: ‘Quando vocês levantarem o Filho do homem, saberão que Eu Sou, e que nada faço de Mim mesmo, mas falo exatamente o que o Pai Me ensinou’” (Jo 8:27, 28).

Em segundo lugar, “cumprir toda a justiça” nos leva ao cumprimento do simbolismo do cordeiro pascal (1Co 5:7). A proclamação joanina de que Jesus é “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29) diz, profeticamente, que o Cordeiro da Páscoa, entrou na História na pessoa de Jesus, cuja morte resolveria o problema do pecado. Jesus é o último Cordeiro pascal. Não pode ser perdida a conexão histórica estabelecida por João entre a Páscoa do Êxodo e o sacrifício da cruz na Páscoa.

Finalmente, “cumprir toda a justiça” também deve ser entendido como cumprimento da declaração profética de que o Messias, na verdade, seria um Servo sofredor, cuja vida carregaria o pecado da humanidade, conforme foi predito por Isaías: “Certamente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e sobre Si levou as nossas doenças; contudo nós O consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. Mas Ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre Ele, e pelas Suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a Sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, Ele não abriu a Sua boca” (Is 53:4-7).

Desses três significados para a expressão “cumprir toda a justiça”, isto é, cumprir o relacionamento de concerto na Trindade, que é o plano da redenção, assumir o pa-

pel do Cordeiro de Deus no estado encarnado do Filho, e ser o Servo sofredor, podemos começar a compreender a profundidade do significado do batismo de Jesus. Ele não necessitava ser batizado como o restante da multidão reunida no Jordão. Mas, escolheu ser batizado para inaugurar o esquema divino da salvação e o princípio do reino; isto é, sem a cruz, não pode haver salvação nem redenção.

Assim, em Seu batismo, Jesus antecipou Seu sofrimento e morte para assegurar justiça para todos, em cumprimento da profecia de Isaías. “Depois do sofrimento de Sua alma, Ele verá a luz e ficará satisfeito; pelo seu conhecimento Meu servo justo justificará a muitos, e levará a iniquidade deles” (Is 53:11). Jesus veio para cumprir Sua missão como o inocente Servo do Senhor. Essa missão envolveu Seu sacrifício vicário e a participação do Pai e do Espírito Santo no processo. Experimentando o batismo, Jesus antecipou Seu próprio batismo de morte, pelo qual assegurou justiça para todos.

Portanto, o batismo de Jesus é a demonstração da antecipação dos Seus sofrimentos e, ao mesmo tempo, a segurança de sacrifício substitutivo pelo pecado. Como Ralph Earle sugere, “a encarnação é o maior de todos os milagres. O batismo de Cristo foi um prelúdio da cruz”.⁵

Lições para hoje

Que significa o batismo de Cristo, hoje, para o cristão? Primeiramente, um bom lugar para começar é o ensino de Paulo sobre o batismo: “Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em Sua morte? Portanto, fomos sepultados com Ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6:3, 4).

Por meio do batismo, somos batizados na morte de Jesus, não no sentido de que nós temos alguma coisa que

ver com nossa redenção do pecado. Essa é uma tarefa cumprida apenas por Jesus. O que Paulo quer dizer é que nós renunciamos aos caminhos de pecado e renascemos para uma vida de justiça pelo poder da ressurreição da nova vida em Cristo Jesus.

Em segundo lugar, outro significado do batismo para o cristão é encontrado no livro de Atos, onde Filipe confronta o eunuco etíope com a figura do Servo sofredor, pintada em Isaías 53:7, 8. Filipe interpreta Isaías para o etíope e mostra como a profecia foi cumprida na morte e ressurreição de Jesus como expiação e vitória sobre o pecado, eventos que, certamente, se tornaram familiares ao etíope durante sua jornada por Jerusalém. Contudo, ele não podia ver o significado divino atrás desses eventos.

Quando Filipe fez a ligação e apresentou as boas-novas sobre Jesus (At 8:35), o etíope foi movido pela intervenção divina na história humana e perguntou: “Que impede que eu seja batizado?” (At 8:36). A pergunta indica que ele estava familiarizado com o significado do batismo, que é uma entrada simbólica ao reino messiânico e constitui-se aceitação pública do remédio de Deus contra o pecado. Essa familiaridade também fez sua profunda ligação e identificação com a crucifixão e ressurreição de Jesus, depois do estudo bíblico dado por Filipe. O eunuco pediu o batismo e Filipe oficiou o rito. A solicitação do eunuco e o atendimento de Filipe mostram que, para os cristãos, o batismo significa primeiramente e acima de tudo a aceitação sem reservas do sacrifício vicário de Jesus por nossos pecados.

Em terceiro lugar, Paulo realçou a riqueza do batismo, ao declarar: “Se dessa forma fomos unidos a Ele na semelhança da Sua morte, certamente o seremos também na semelhança da Sua ressurreição. Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com Ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sejamos escravos do pecado; pois quem

morreu, foi justificado do pecado” (Rm 6:5-7). Pelo fato de que Jesus Cristo é o Sacrifício vicário sobre a cruz, o cristão tem nova vida nEle. “Da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (Rm 6:11).

Em quarto lugar, o batismo também possibilita ao cristão a oportunidade para afirmar publicamente seu novo relacionamento de concerto com Jesus. “Nele”, diz Paulo, “você foram circuncidados, não com uma circuncisão feita por mãos humanas, mas com a circuncisão feita por Cristo, que é o despojar do corpo da carne. Isso aconteceu quando vocês foram sepultados com Ele no batismo, e com Ele foram ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que O ressuscitou dentre os mortos” (Cl 2:11, 12). Note o paralelismo que o apóstolo fez entre a circuncisão da carne, o antigo sinal do concerto, e a circuncisão do coração. O primeiro era feito por mãos humanas; o segundo é feito por Cristo.

Para os israelitas, a circuncisão era um sagrado sinal de concerto herdado através de Abraão (Gn 17:9-14); mas, agora, para o Israel espiritual, apresentado como “descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3:29), o batismo é mostrado como tomando o lugar da circuncisão. Assim, o batismo herda toda a riqueza do simbolismo da circuncisão, sendo não a circuncisão da carne, mas do coração (Rm 2:28, 29).

Finalmente, o batismo também é um símbolo de entrada na igreja de Cristo. A grande comissão de Jesus para Seus discípulos é: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28:19). A frase “façam discípulos” aponta a missão da igreja como continuação da missão de Cristo. A palavra “batizando” indica que o cristão segue o exemplo do batismo de Jesus e aceita Sua morte e ressurreição como a solução para o perdão dos pecados e a segurança da nova vida em Jesus.

Está claro na grande comissão que o batismo é um imperativo para se entrar na vida da igreja. Sob o poder do Espírito Santo, Pedro proclamou à multidão em Jerusalém o que todos deviam fazer para experimentar a alegria da nova vida em Cristo: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito” (At 2:38; 16:31-33).

Em seu sermão, Pedro ligou a morte e a ressurreição de Cristo, a necessidade de arrependimento e batismo, o perdão dos pecados, o recebimento do Espírito Santo e o batismo de três mil pessoas. A inauguração da igreja começou com o batismo daqueles que creram no significado da morte e ressurreição de Cristo e se arrependeram de seus pecados.

O evento histórico do batismo de Jesus tem grande importância para nossa compreensão do plano divino da salvação. Ele revela o relacionamento de concerto entre a Trindade para o cumprimento desse plano, e afirma que Jesus, o verdadeiro Cordeiro pascal, trilhou Sua jornada à cruz para resolver o problema do pecado. Seu batismo, uma antecipação de Seu sacrifício, pinta o simbolismo de Sua morte e ressurreição, através das quais uma nova vida se torna disponível a todos os que nEle creem.

O batismo é um novo sinal da circuncisão do coração, sinal do concerto de reconciliação entre Deus e Seu povo, e uma contínua lembrança do modo pelo qual novos discípulos são acrescentados à igreja diariamente, quando são batizados “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28:19). ▀

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 109.
- ² *Ibid.*, p. 110.
- ³ Gottlob Schrenk, “*dikaiousunen*”, *Theological Dictionary of the New Testament*, (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964), v. 2, p. 198.
- ⁴ John Phillips, *Exploring the Gospel of Matthew* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1999), p. 59.
- ⁵ Ralph Earle, *Matthew*, v. 6, *Beacon Bible Commentary* (Kansas City, MO: Bacon Hill Press, 1964), p. 53.



Diretor de Escola Sabatina
e de Pequenos Grupos na
Associação Brasil Central

Estratégia transformadora

“Se já foi indispensável compreender e seguir os corretos métodos de ensino de Cristo, bem como imitar-Lhe o exemplo, este tempo é agora”

Ao fundar Sua igreja na Terra, Cristo avançou com um pequeno grupo de homens comuns, naturais da Galileia. Depois de passar uma noite em oração, longe do burburinho da multidão, Jesus escolheu doze homens “para que estivessem com Ele, os enviasse a pregar e tivessem autoridade para expulsar demônios (Mc 3:14, 15).

Humanamente falando, os escolhidos não tinham atributos que os credenciassem a cumprir o plano estratégico do Mestre. Justamente o que aparentava ter melhor preparo, mais tarde O vendeu por trinta moedas de prata, além de subtrair recursos da tesouraria do grupo para seus interesses pessoais. Assim, as limitações eram grandes e gigantescas as impossibilidades de se tornarem mensageiros celestiais.

Porém, Jesus viu além do que os olhos humanos podem ver. Amorosa e graciosamente, viu o que eles poderiam ser sob Seu cuidado e liderança. Sabia que, embora o material disponível fosse imperfeito, caso Lhe fosse dada permissão, esse material seria moldado por Suas divinas mãos tornando-se uma linda obra de arte

missionária. A estratégia envolvia a transformação daqueles homens em um grupo modelo, a fim de que, a partir deles, o mundo fosse transformado. Sem isso, nenhum daqueles discípulos jamais poderia ser instrumento de restauração da humanidade. Cada um deles necessitava ser moldado pelo Oleiro celestial.

Capacitação constante

Refletindo sobre as condições em que eles foram encontrados, quão prontamente responderam ao chamado e deixaram para trás seus projetos, sonhos e negócios, concluímos que eles também buscavam algo superior. Nota-se que alguns eram seguidores de João Batista (Jo 1:35-40), um pertencia ao grupo dos zelotes (Mt 10:4), e ainda houve quem trocou o economicamente confortável emprego de publicano pelo discipulado (Mt 9:9-15). Aqueles homens desejavam alguém que os moldasse, os conduzisse para mais perto de Deus e os treinasse para moldar outras pessoas. Esperavam pela consolação de Israel e estavam dispostos a testemunhar dela.

Esse desejo se harmonizava com o

ideal do Mestre que, de acordo com A. B. Bruce, “não somente desejava ter discípulos, mas ter perto de Si homens a quem Ele pudesse treinar para fazer outros discípulos”.¹ Deus sempre usa a pessoa que se dispõe a ser usada por Ele, mesmo que não aparente ter as virtudes que entendemos ser importantes e fundamentais para uma liderança de sucesso.

Assim, visualizando-os em suas atividades diárias sob a orientação de Jesus, é possível notar um fio de ouro que passa pela associação, consagração, pelo treinamento e missão. Embora os estágios se misturem, o processo transformador foi estendido por dias, noites, semanas, meses e anos, através de caminhadas, conselhos, sermões, lições extraídas da natureza e estilo de vida. Embora exercesse o ministério da pregação, Jesus dedicava tempo a esse grupo de doze homens. Compartilhava com eles os mistérios do Céu, ministrando-lhes com respeito, amor, correção, ensino e confiança. Tudo num ambiente discipulador, na atmosfera de comunidade entre Ele e os discípulos, um pequeno grupo modelo simples, mas bem-sucedido.

Os diálogos mantidos nas estradas empoeiradas, praias, casas e nos montes seguiam um planejamento para moldar o grupo. Mesmo as atitudes eram usadas para transformar vidas. De maneira transparente, assuntos eram debatidos e resolvidos, erros eram corrigidos, a fé era estimulada e fortalecida, preconceitos eram quebrados. Ideias e ensinamentos distorcidos pelos religiosos da época perdiam seu brilho ante o ensino de Jesus. Os discípulos sentiam na própria vida a mão de Deus e a ação silenciosa do Espírito Santo, fazendo deles novas criaturas, desfazendo o velho e refazendo um novo homem.

Resultados

Podemos imaginar o impacto da presença de Jesus na vida dos discípulos, quando O viam responder a questões delicadas, como por exemplo, a dos impostos: “Deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22:21). Ou ao testemunharem a pressão enfrentada para que condenasse à morte uma mulher flagrada em adultério (Jo 8). Acrescente-se a isso o espanto causado pelos milagres de cura física e espiritual; a visita à casa de Zaqueu (Lc 19:1-9). Que dizer da afirmação segundo a qual “quem não receber o reino de Deus como uma criança nunca entrará nele” (Lc 18:17)? Ou da permissão para que a uma mulher prostituta Lhe lavasse os pés (Lc 7:36-50)? Cada etapa e cada episódio os conduziam a uma nova dimensão de fé, amor e graça, aproximando-os mais e mais de seu extraordinário Discipulador.

Depois de um convívio de três anos e meio com o Mestre, uma transformação aconteceu naqueles galileus. Lucas escreveu sobre a admiração das pessoas diante das atitudes dos discípulos: “Tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes... Atônitos e perplexos, todos perguntavam uns aos outros: ‘Que significa isto?’ (At 2:11, 12).

O método usado por Cristo na formação dos líderes multiplicado-

res produziu vida e edificou a igreja que nascia em meio à religião formal da época. Parecia improvável que tivesse êxito o trabalho do Redentor da humanidade, concentrado num grupo de pessoas tão disfuncionais como eram aqueles galileus. Mas o tempo confirmou que o caminho para salvar o mundo nascia na Divindade e seguia através dos discípulos, fazendo com que a comunidade cristã desabrochasse, crescesse, multiplicasse e se expandisse “em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da Terra” (At 1:8), causando verdadeira revolução, segundo o testemunho dos judeus em Tessalônica: “Esses homens, que têm causado alvoroço por todo o mundo, agora chegaram aqui” (At 17:6).

Hoje, passado tanto tempo desde a ascensão de Cristo, e depois da morte dos discípulos, o evangelho continua espalhando-se pela Terra, alcançando os lugares mais distantes, transformando vidas. E tudo começou com o Mestre e Seus doze discípulos. Numa escola sem paredes, tendo o céu como teto, um currículo com forte ênfase relacional e o propósito de multiplicar discípulos. Aqueles homens, transformados por meio da convivência, do ensino e amor do Mestre, em um pequeno grupo, foram instrumentos nas mãos de Deus para impactar o mundo.

Nos passos do Mestre

Com frequência, temos testemunhado número cada vez maior de pessoas que renunciam ao reino das trevas e são abrigadas no reino da luz. Maravilhadas com o que descobrem, decidem viver mais intensamente a nova realidade. Como os discípulos do primeiro século, querem crescer na graça, servir a Deus e ser a igreja pela qual Cristo alcança outros pecadores. Tais pessoas anseiam desfrutar as insondáveis e gloriosas riquezas de Cristo (Ef 3:8, 16). Impelidas pelo Espírito Santo, sentem que podem e devem crescer na vida cristã e realizar muito mais pela causa de Cristo. À se-

melhança dos primeiros discípulos, buscam as alturas, desejam ardentemente que alguém as discipule e conduza para a edificação e a vida em comunidade.

Nesse sentido, Coleman sugere que a estratégia a ser utilizada deve ser a mesma do Mestre com os doze: discipulado individual, atmosfera relacional, no ambiente de pequeno grupo. Ele diz: “É neste ponto que devemos começar, exatamente do mesmo modo que Jesus. Será um trabalho lento e doloroso. É provável que, a princípio, ninguém sequer note nosso esforço. Contudo, o resultado será glorioso. Mesmo que não vivamos o suficiente para testemunhá-lo. Visto por esse ângulo, essa decisão se revela muito importante para o ministério.”²

Por sua vez, Ellen G. White escreveu: “Se já foi indispensável compreender e seguir os corretos métodos de ensino de Cristo, bem como imitar-Lhe o exemplo, este tempo é agora.”³

Felizmente, em muitos lugares, pastores e membros da igreja obedecem à ordem divina para formação de novos discípulos em ambiente relacional e através de pequenos grupos. Sentem repetir na vida eclesial a experiência que os doze discípulos de Cristo desfrutaram no primeiro século. Vivem em crescimento espiritual, arraigados e alicerçados em amor, com todos os santos. Estão intensamente comprometidos com a missão dada por Cristo: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que Eu lhes ordenei. E Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28:19, 20).

Nesse grupo de obedientes devemos ser achados. ▀

Referências:

- ¹ A. B. Bruce, *Treinamento dos Doze* (São Paulo, SP: Arte Editorial, 2005), p. 20.
- ² Robert E. Coleman, *O Plano Mestre do Evangelismo* (São Paulo, SP: Editora Mundo Cristão, 2006), p. 29.
- ³ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 53.



Em defesa da unidade



“Quando a igreja enfrenta desafios, nosso amorável Senhor nos convida à união”

Seus temores foram dissipados. Esvaíram-se como a sombra que passa. A escura noite de tristeza havia passado. Raiou a manhã. Eles já não se escondiam tremendo de medo no cenáculo. Estavam repletos de fé. A esperança transbordava em cada coração. Um vislumbre do Senhor ressuscitado os transformou. Jesus lhes deu nova razão para viver. Deu-lhe o que conhecemos como “grande comissão”: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas” (Mc 16:15).

Agora, eles estavam agarrados à grande promessa. Sem ela, não podiam cumprir a grande comissão. Imagine-se no cenáculo com os discípulos, dois mil anos atrás. A integridade da palavra de Deus está em

jogo. Sua reputação está na mira. A honra do trono de Deus depende do cumprimento de Sua promessa.

Apesar dos esmagadores obstáculos e insuperáveis dificuldades, os discípulos agarraram-se à preciosa promessa: “Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de Meu Pai”, Ele lhes disse, “da qual lhes falei.” Vocês “receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão Minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da Terra” (At 1:4, 8).

Os discípulos firmaram-se na palavra de Jesus. Eles confiaram na promessa do Salvador. Estavam confiantes de que, se cumprissem as condições, Ele cumpriria Sua pa-

lavra. E esperaram. Confessaram pecados. Oraram. Creram. E o Céu respondeu. O Espírito Santo foi derramado abundantemente no dia de Pentecostes (At 2:1-4).

O derramamento do Espírito no Pentecostes não ocorreu simplesmente porque os discípulos cumpriram as condições. Certamente, o Espírito Santo não teria sido derramado se eles não tivessem cumprido as condições, mas isso não é tudo. O derramamento do Espírito Santo naquele dia foi um sinal, para a igreja primitiva, de que o sacrifício de Jesus foi aceito pelo Pai no santuário celestial. Lucas deixou isso claro: “Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato. Exaltado à direita de Deus, Ele recebeu

do Pai o Espírito Santo prometido e derramou o que vocês agora veem e ouvem” (At 2:32, 33).

O poderoso derramamento do Espírito Santo no Pentecostes foi o dom celestial, confirmando a aceitação por parte do Pai do sacrifício de Cristo na cruz do Calvário. Os três mil batismos naquele dia foram o testemunho eloquente do poder do Cristo ressuscitado para transformar vidas. A plenitude do Espírito testifica da plenitude do poder de Jesus.

Eram 120 os discípulos reunidos no cenáculo naquele dia. O desafio de alcançar o mundo com o evangelho parecia impossível. As melhores estimativas para a população mundial no primeiro século são de aproximadamente 280 milhões de pessoas. Embora certamente houvesse alguns cristãos mais que os reunidos no cenáculo, o percentual de cristãos em relação à população do mundo era infinitesimal. Por exemplo, se usarmos o número de 120, haveria então um cristão para cada 1.4 milhão de pessoas no mundo.

Se compararmos isso ao número atual de adventistas do mundo, há aproximadamente um adventista para cada 422 pessoas. Em uma era de poder militar e materialismo romano, filosofia grega e paganismo, a tarefa deles pareceu mais assustadora que a nossa. Ademais, aqueles primeiros cristãos não tinham recursos de mídia, rádio, televisão, internet, nem redes sociais. Não tinham sistema de transmissão via satélite. Não tinham colégios, universidades, editoras nem hospitais. Não havia igreja organizada. Tinham apenas a promessa de Jesus de que, com o derramamento do Espírito Santo eles impactariam todo o mundo com Sua mensagem de amor e verdade.

Crescimento explosivo

Os resultados foram extraordinários! Viaje comigo através do livro de Atos e prenda a respiração, enquanto nos embevecemos diante das ações do Espírito Santo. O livro de Atos revela o que Deus pode fazer em pouco tem-

po por meio de homens e mulheres consagrados, que creem na Sua promessa e agem segundo Sua Palavra.

Quando os discípulos acordaram no dia de Pentecostes, eles não tinham ideia de que seriam acrescentados três mil novos membros à igreja naquele mesmo dia. “Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas” (At 2:41). E isso foi só o começo. Posteriormente, “muitos dos que tinham ouvido a mensagem creram, chegando o número dos homens que creram a perto de cinco mil” (At 4:4).

Note que, conforme o texto, o número de homens era de cinco mil. Se acrescentarmos as mulheres e crianças, o total aumentará significativamente. Alguns estudiosos avaliam que, nessa época (Atos 4), a igreja cristã contava com 15 a 20 mil membros. Em poucas semanas, a igreja explodiu em crescimento. O fenômeno continuou: “Assim, a Palavra de Deus se espalhava. Crescia rapidamente o número de discípulos em Jerusalém; também um grande número de sacerdotes obedecia à fé” (At 6:7).

Enquanto os discípulos pregavam sob a influência do Espírito Santo, o Cristo ressuscitado tocava o coração de muitos líderes religiosos judeus. Muitos deles e as respectivas congregações aceitaram a nova fé. A igreja do Novo Testamento continuou causando notável impacto. Referindo-se ao alcance da ampla disseminação do cristianismo, um escritor romano disse: “Vocês estão em todo lugar. Estão em nossos exércitos, nossa marinha, nosso senado e comércio.”

Plínio, o Moço, governador da província romana da Bitúnia, na costa-norte da moderna Turquia, escreveu ao imperador Trajano, por volta de 110 a.D. Sua declaração é significativa porque foi feita 80 anos depois da crucificação. Ele descrevia o processo oficial que estava conduzindo para encontrar e executar os cristãos. Disse ele: “Muitos de todas as idades, classes sociais, de ambos os sexos, estão sendo e serão chamados

a julgamento. Não apenas cidades, mas aldeias e distritos rurais têm sido invadidos pela infecção dessa superstição [cristianismo]” (*As Cartas de Plínio*, 10, 96, 9).

Essa é uma declaração notabilíssima. Plínio nos mostra que, em poucas gerações, o cristianismo havia invadido todos os níveis da sociedade mesmo em lugares remotos, além da província. Noventa anos depois, aproximadamente em 200 a.D., Tertuliano, legislador romano que se tornou cristão, escreveu uma carta desafiadora aos magistrados defendendo o cristianismo. Ele disse que “quase todos os cidadãos de todas as cidades são cristãos” (*Apologeticum*, 37.8). A história do livro de Atos é a história do notável crescimento da igreja cristã em curtíssimo período de tempo.

Estratégia demoníaca

Diante desse crescimento explosivo e do apaixonado compromisso missionário dos cristãos, o demônio tentou quebrar a unidade da igreja e frustrar a expansão dela. Vejamos três exemplos específicos, segundo os quais essa unidade poderia ter sido facilmente fraturada. Analisemos cuidadosamente cada um dos cenários, observando não apenas as consequências, mas o processo através do qual os discípulos resolveram as diferenças.

Conflito na distribuição de alimentos. Atos 6 relata um sério conflito entre judeus cristãos de ascendência grega e judeus cristãos da Palestina. As viúvas gregas se sentiram discriminadas na distribuição de alimentos. “Naqueles dias, crescendo o número de discípulos, os judeus de fala grega entre eles queixaram-se dos judeus de fala hebraica, porque suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária de alimento” (v. 1). Note que crescia o número de discípulos e houve uma queixa. Quando o Espírito Santo opera poderosamente, o inimigo suscita dissensão, que estrangula a missão, reprime o crescimento e limita a efetividade evangelizadora. O conflito é

o anestésico da paixão pelo testemunho. A unidade é a cultura em que floresce o testemunho. Comentando sobre o conflito de Atos 6, Ellen G. White escreveu: “Satanás sabia que, enquanto essa união continuasse a existir, ele seria impotente para deter o progresso da verdade evangélica; e procurou tirar vantagem de anteriores hábitos de pensar, na esperança de que, por esse meio pudesse introduzir na igreja elementos de desunião” (*Atos dos Apóstolos*, p. 87, 88).

O conflito mina nossa energia e absorve nossa atenção. A dissensão nos distrai da missão. O demônio está bem desperto para isso, a fim de que possa introduzir elementos de desconfiança e conflito. Felizmente, o Espírito Santo levou os discípulos a encontrar um caminho através da dificuldade. Os desafios que a igreja enfrenta hoje não são novidade, e estou confiante de que o mesmo Espírito nos ajudará a encontrar a maneira de superá-los, assim como levou a igreja primitiva a resolver problemas que tinham potencial para dividi-la e enfraquecer sua efetividade missionária.

Há três grandes lições que podemos tirar de Atos 6. Primeira: os discípulos agiram prontamente. A dissensão não se resolve por si mesma. Normalmente, o conflito não desaparece por si mesmo. A liderança deve ser suficientemente corajosa para encontrar soluções. “Deveriam agora ser tomadas medidas imediatas para remover todo o motivo de descontentamento, para que não acontecesse triunfar o inimigo em seus esforços de acarretar divisão entre os crentes” (*Ibid.*, p. 88).

Segunda lição: os discípulos buscaram consenso. Reuniram-se com os envolvidos, discutiram a situação e propuseram uma solução. Um foro representativo foi chamado e a ele se pediu conselho (At 6:2).

Então, sete homens foram escolhidos para resolver o problema. Do grupo escolhido, dois eram bem conhecidos: Estevão e Filipe. A escolha de pessoas bem conhecidas na

comunidade confere credibilidade à escolha. Quatro eram relativamente desconhecidos, mas eram honestos, espirituais e sábios. Um era de Antioquia. Os nomes, em sua maioria, eram gregos, para que as viúvas pudessem ter uma percepção de imparcialidade.

“O conflito é o anestésico da paixão missionária. A unidade é a cultura em que floresce o testemunho”

Diante de conflitos reais ou percebidos na igreja, a liderança deve agir prontamente, buscando consenso com um grupo representativo, a fim de propor soluções justas e equitativas.

Conflito no testemunho de Pedro a Cornélio. O segundo grande conflito relatado no livro de Atos está nos capítulos 10 e 11. A história é bem conhecida. Durante suas orações, um centurião romano chamado Cornélio foi visitado por um anjo e foi instruído a enviar seus servos a Jope, a fim de encontrar Pedro. Ao mesmo tempo, Pedro estava orando e recebeu uma visão em que Deus lhe ordenou comer animais imundos que lhe foram mostrados em um lençol (v. 13). Pedro ficou confuso. Enquanto tentava descobrir o significado da visão, os homens de Cornélio bateram à sua porta. Até então, Pedro considerava impuros os gentios. Mas Deus usou aquela visão para impressioná-lo sobre a necessidade de pregar o evangelho aos gentios bem como aos judeus. Pedro respondeu positivamente ao convite dos servos de Cornélio e os acompanhou à casa do centurião. Em Cornélio, Pedro encontrou alguém com mente aberta e coração receptivo. O centurião e a família aceitaram Jesus e foram batizados.

Pedro vibrou, mas os judeus cristãos ficaram profundamente ofendidos. Atos 11 revela o curso da ação de Pedro. Ele foi a Jerusalém para encontrar os irmãos e lhes explicar

suas atitudes. O encontro não começou bem, pois “quando Pedro subiu a Jerusalém, os que eram do partido dos circuncisos [judeus cristãos] o criticavam”. Qual foi a defesa de Pedro? A revelação divina. Calmamente, o apóstolo explicou que suas atitudes tiveram como base as diretas instruções de Deus. O Senhor lhe havia concedido uma visão e ele não poderia recusá-la. Enquanto Pedro falava, o Espírito Santo mudou a mente dos opositores. Notemos o notável contraste entre estes dois versos: “os que eram do partido dos circuncisos o criticavam” (v. 2). “Não apresentaram mais objeções e louvaram a Deus” (v. 18).

Ellen G. White descreve a mudança dos oponentes de Pedro: “Ouvindo esse relato, os irmãos ficaram em silêncio. Convictos de que a conduta de Pedro estava em direto cumprimento ao plano de Deus, e que seus preconceitos e exclusivismo eram inteiramente contrários ao espírito do evangelho, glorificaram a Deus, dizendo: ‘Na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida’.

“Assim, sem controvérsias, derribou-se o preconceito, foi abandonado o exclusivismo estabelecido pelo costume dos séculos, e abriu-se o caminho para que o evangelho fosse proclamado aos gentios” (*Atos dos Apóstolos*, p. 142).

Esse foi um conflito que facilmente poderia ter dividido a igreja, caso Pedro tomasse uma atitude diferente, ou se recusasse a gastar tempo dialogando com os irmãos.

Aqui está outro princípio vital para solução de conflitos na igreja: Quando uma questão ameaça sua unidade, não a julgemos rapidamente nem rudemente. Descubramos os fatos. Ouçamos o ponto de vista contrário. O Espírito Santo pode estar falando-nos através de nosso irmão. Pessoas honestas podem ter diferenças de opinião e o consenso acontece por meio do diálogo.

Calmamente, Pedro explicou que suas atitudes estavam fundamentadas na revelação divina e seus

opponentes foram tocados. Preconceitos foram quebrados, paredes centenárias de separação foram desmoronadas e a unidade eclesial foi preservada. O Espírito Santo a habilitou a encontrar o caminho para preservar sua unicidade em Cristo, mas isso requereu boa vontade para ouvir um ao outro.

Buscando consenso. Há um terceiro assunto que poderia ter facilmente dividido a igreja primitiva. Está em Atos 15. A questão ali envolvida era se os crentes gentios deviam ser circuncidados ou não. O processo e as lições aprendidas nesse caso também são vitais para nossa compreensão sobre a maneira de resolver dificuldades na igreja. Um grupo de judeus visitou Antioquia e exigiu que os convertidos gentios aceitassem e praticassem os costumes judaicos, argumentando que disso dependia a salvação. “Isso levou Paulo e Barnabé a uma grande contenda e discussão com eles” (At 15:2).

No contexto desse debate, foi determinado que Paulo e Barnabé fossem a Jerusalém, a fim de se encontrarem com os apóstolos e os anciãos, com o objetivo de encontrar solução para o impasse. Que teria acontecido se Paulo e Barnabé, argumentando ser esse um assunto de sua própria consciência e deliberado pelo concílio em Antioquia, não tivessem trabalhado por uma solução cooperativa com a liderança em Jerusalém? Certamente, isso teria resultado em considerável dissensão.

A linguagem de Atos 15 é extremamente instrutiva. O verso 4 informa que os representantes de Antioquia “foram bem recebidos”. O verso 6 declara: “Os apóstolos e os presbíteros se reuniram para considerar essa questão.”

“Quando surgia dissensão em uma igreja local, como mais tarde aconteceu em Antioquia e em outros lugares, e os crentes não podiam chegar a um acordo entre si, não se permitia que tais assuntos criassem divisão na igreja, mas eram encaminhados a um concílio geral de todo o conjunto

dos crentes, constituído de delegados designados pelas várias igrejas locais, com os apóstolos e anciãos nos cargos de maior responsabilidade. Assim os esforços de Satanás para atacar a igreja nos lugares isolados, foram contidos pela ação concorde por parte de todos; e os planos do inimigo para esfacelar e destruir foram subvertidos” (Ibid., p. 96).

Depois que Pedro, Paulo e Barnabé falaram, o apóstolo Tiago, que presidia o concílio, propôs uma solução: Os cristãos gentios não precisavam seguir exatamente o mesmo estilo de vida dos cristãos judeus (v. 7-12). Assim, os discípulos foram unidos em seu compromisso com o Senhor, Sua mensagem e Sua missão. Estavam dispostos a buscar, juntos, em construtivo diálogo, a solução de problemas.

“Na igreja de Antioquia, a consideração do assunto da circuncisão deu em resultado muitas discussões e litígio. Afinal, os membros da igreja, temendo que o resultado de continuada discussão fosse uma divisão entre eles, decidiram enviar a Jerusalém Paulo e Barnabé, juntamente com alguns homens de responsabilidade na igreja, a fim de exporem a questão perante os apóstolos e anciãos. Ali deviam eles encontrar-se com delegados de diversas igrejas e com os que tinham ido a Jerusalém para assistir às próximas festas. Enquanto isso, toda a discussão devia cessar até que fosse pronunciada a decisão do concílio geral. Essa decisão devia ser então universalmente aceita pelas várias igrejas em todo o país” (Ibid., p. 190).

Vitória garantida

Uma vez que a solução foi aceita pelos “apóstolos e os presbíteros, com toda a igreja”, representantes foram a Antioquia levando consigo uma carta contendo o voto do Concílio de Jerusalém, para explicar claramente a decisão e evitar má interpretação. A essência da unidade não é ação uniforme, mas suficiente respeito, para que um ouça o outro cuidadosamente, responda refleti-

damente e decidam juntos. Nesse assunto, a igreja do Novo Testamento é exemplo. Pode haver diferenças de opinião. Certamente, os judeus tinham fortes convicções. Paulo e Barnabé eram homens de convicções firmes. Mas houve respeito mútuo até que, juntos, tomassem a decisão. Todos estavam unidos pelo Espírito Santo em uma estrutura eclesial divinamente estabelecida. Dificuldades insuperáveis foram resolvidas quando líderes da igreja primitiva se reuniram, oraram e abriram mão de suas opiniões pessoais, fazendo prevalecer a decisão do corpo mais amplo de crentes.

Deus estabeleceu a estrutura da igreja, a fim de preservar sua unidade e protegê-la contra o fracionamento. Quando a igreja toma decisões, nem todos se agradam, mas líderes cristãos amadurecidos aceitam o consenso da maioria. A unidade pela qual Cristo orou é mais importante que opiniões individuais ou agendas pessoais.

“Deus investiu Sua igreja de especial autoridade e poder, por cuja desconsideração e desprezo ninguém pode se justificar; pois aquele que assim procede despreza a voz de Deus” (Ibid., p. 164).

Quando a igreja enfrenta desafios, quando dificuldades surgem no horizonte, quando opiniões fortes são formadas e posições são radicalizadas, nosso amável Senhor nos convida à união, para expressar bondosamente nossos pontos de vista, ouvir um ao outro, dialogar, propor soluções e, juntos, decidir sob a guia do Espírito Santo. Se estivermos comprometidos com um espírito cooperativo no processo de tomar decisões e respeitá-las, Jesus será honrado, o demônio será derrotado e a igreja triunfará.

Podemos enfrentar nossos desafios, em unidade, dispostos a resolvê-los em nome de Jesus, com a absoluta segurança de que nEle, por Ele e por meio dEle, Sua igreja vencerá. O Espírito Santo será derramado sobre uma igreja unida em oração. E o Senhor breve virá. ▀



História de duas imagens

A estátua de ouro de Nabucodonosor projeta acontecimentos do tempo do fim

Desde o Gênesis até o Apocalipse, o tema da adoração é parte notável no desenvolvimento das Sagradas Escrituras. A primeira batalha travada neste mundo girou em torno do tema da adoração (Gn 4:4-8, cf. 1Jo 3:12). Será esse também o tema da última batalha (Ap 14:9-12). O livro de Daniel não é alheio a essa peculiaridade bíblica.

Os primeiros versos desse livro mostram claramente esse conflito: “No terceiro ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio a Jerusalém e a sitiou. E o Senhor entregou Jeoaquim, rei de Judá, nas suas mãos, e também alguns dos utensílios do templo de Deus. Ele levou os utensílios para o templo do seu deus na terra de Sineara e os colocou na casa do tesouro do seu deus” (Dn 1:1, 2). Esse fato se constitui um símile do grande conflito através da História, no qual Babilônia ataca o povo de

Deus, Jerusalém.¹ O fato de que os jovens hebreus tivessem que se abster dos alimentos no palácio real (Dn 1:8) também envolvia adoração (cf. 1Co 6:19). Segundo José Luís Santa Cruz, o livro de Daniel é marcado pela adoração, no contexto do grande conflito,² pois esse é dos seus principais temas.³

Apesar disso, especialmente Daniel 3 apresenta um quadro interessante que não deve ser passado por alto, pois registra o tema da adoração na atitude dos três jovens hebreus: Sadraque, Mesaque e Abedenego, diante do somido ameaçador que assinalava o momento em que todos deveriam se curvar diante da imagem de ouro erguida por Nabucodonosor.⁴ Esse incidente torna real o conflito entre a verdadeira adoração desafiada por Babilônia, quando o confrontamos com a escatológica “imagem da besta” mencionada em Apocalipse 13.

Indubitavelmente, o capítulo 3 do livro de Daniel está cheio de lições envolvendo coragem, fidelidade e destemor dos adoradores em contraposição à necessidade de um homem egoísta e à idolatria de seus seguidores.

A imagem de ouro

Uma possível data para esse evento seria o ano 594 a.C., quando Zedequias, como rei de Judá, foi chamado a se apresentar em Babilônia (Jr 51:59), muito provavelmente para a dedicação da estátua de ouro.⁵

Tendo como base o sonho que lhe foi dado por Deus e que foi interpretado por Daniel, Nabucodonosor havia compreendido que seu reino teria fim (Dn 2). Porém, por causa do orgulho humano natural, alimentado em razão da prosperidade do reino, ele resolveu mudar a História, motivo pelo qual Daniel escreveu sobre a imagem de ouro.⁶

A palavra hebraica para imagem (*tselem*), em Daniel 3, é a mesma palavra utilizada no capítulo 2, o que torna evidente a atitude rebelde do rei contra os desígnios de Deus, considerando que, no sonho do capítulo 2, o reino babilônico representado pelo ouro se limitava à cabeça da imagem. Porém, no capítulo 3, os desejos e planos que pretendia realizar na História, da cabeça aos pés, a estátua foi construída com ouro.

Jacques B. Doukhan menciona que a estátua, medindo 60 côvados de altura por seis de largura, era a própria imagem de Nabucodonosor. A extrema altura encontra eco na arrogância de um rei que buscava impressionar súditos e visitantes de seu reino. Embora no simbolismo babilônico o número 60 representasse a noção de unidade, o rei procurou cumprir sua vontade unindo o reino à religião.⁷

Podemos inferir que Nabucodonosor estivesse ansioso, obstinado mesmo, para que seu reino se tornasse eterno, o que seria possível caso fosse seguida a unidade política e religiosa em Babilônia. Então, conseguiu reunir esses dois polos na estátua de ouro.

A Bíblia assinala expressamente que o rei “convocou os sátrapas, os prefeitos, os governadores, os conselheiros, os tesoureiros, os juizes, os magistrados e todas as autoridades provinciais, para assistirem à dedicação da imagem que mandara erguer” e, na cerimônia de dedicação da estátua, o arauto anunciou: “Esta é a ordem que lhes é dada, ó homens de todas as nações, povos e línguas: Quando ouvirem o som da trombeta, do píforo, da cítara, da harpa, do saltério, da flauta dupla e de toda espécie de música, prostrem-se em terra e adorem a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor ergueu. Quem não se prostrar em terra e não adorá-la será imediatamente atirado numa fornalha em chamas” (Dn 3:4-6).

Há dois assuntos envolvidos nessa narrativa: (1) Uma convocação estatal para que todos os líderes polí-

ticos e militares tomassem parte ativa em assuntos religiosos, e (2) uma terrível ameaça a todo aquele que desconsiderasse o decreto. Apesar disso, é aqui no âmago do tema, que os verdadeiros adoradores tiveram a fé extremamente provada no fogo.

“A superação pessoal é boa e interessante, porém, à parte de Deus, ecoa a egolatria satânica”

Egolatria

Dá-se o nome de egolatria à adoração de uma pessoa a si mesma. O primeiro egolatra foi Lúcifer, que se encantou com a própria beleza, perfeição e os privilégios que havia recebido no Céu. Por isso, nutriu desejo de ser Deus, querendo ser adorado como Deus e se sentar no trono divino (Ez 28:17; cf. Is 14:13, 14). Nabucodonosor havia reconhecido o Deus de Daniel como “Deus dos deuses e Senhor dos reis” (Dn 2:47). Porém, mostrou-se mais do que néscio ao fazer caso da revelação que lhe havia sido feita: “Depois de ti surgirá um outro reino” (Dn 2:39).⁸

Semelhantemente, foi o orgulho que levou o querubim cobridor a deflagrar um grande conflito. Deus, e mais ninguém, é o único ser merecedor de adoração. A egolatria é atitude contrária ao ensinamento bíblico.

Em nossos dias, com o apogeu do pós-modernismo, no esforço de criar autoestima saudável, há o perigo de cairmos em terreno movediço, ao superestimarmos a capacidade humana, com ensinamentos que transmitem a ideia de que há poder inerente no ser humano. A superação pessoal é boa e interessante, porém, à parte de Deus, ecoa a reivindicação satânica.

Servos idólatras

Ao longo de toda a Bíblia existem numerosas passagens em que homens adoram ídolos e imagens feitos

de materiais diversos, embora, na sua maioria, eles não pertencessem ao escolhido povo de Deus. Desde muito cedo na História, a idolatria foi praticada. Os antepassados imediatos de Abraão “prestavam culto a outros deuses” (Js 24:2). Os patriarcas se dedicaram à adoração monoteísta de Jeová, porém, às vezes, familiares deles foram influenciados pela idolatria (Gn 31:30, 32-35; 35:1-4). O paganismo cananita era popular, por causa de suas baixas normas éticas, em contraste com os elevados padrões da religião hebraica. Por isso, a religião mais exigente não raro era trocada pela adoração mais fácil a Baal.

O problema da idolatria era tão grave na antiguidade que os primeiros dois mandamentos do Decálogo se ocupam dessa fase da vida religiosa (Êx 20:3-6). O segundo mandamento ordena: “Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na Terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque Eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que Me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que Me amam e obedecem aos Meus mandamentos” (Êx 20:4-6).

Satanás sempre buscou desviar as pessoas da verdadeira adoração, que é “em espírito e em verdade” (Jo 4:24). Tudo o que não agrada a Deus agrada a Satanás. Portanto, adorar e venerar estátuas e imagens de preferências próprias significa desobediência à ordem de Deus em Sua Palavra e, por extensão, passa a ser obediência a Satanás.

Em Daniel 3 é evidenciado um marcante contraste entre os servos de Deus e os servos de um homem que acreditava ser deus. Os primeiros foram encontrados fiéis e aprovados na prova de fogo; os segundos, como adoradores de uma imagem, por temor ao fogo, ou provavelmente por escolha própria. Es-

ses idólatras estão sempre à espreita dos fiéis adoradores, não para seguir o exemplo deles, mas para acusá-los e desejar que sejam julgados com a pena mais dura, ignorando que serão eles mesmos os que finalmente experimentarão o fogo voraz (Dn 3:8-12, 22; Ap 21:8).

Assim, está evidente, em Daniel 3, o contraste entre a adoração ao verdadeiro Deus e a idolatria.⁹ Há um marcante conflito entre a verdadeira e a falsa adoração; a adoração prestada por Sadraque, Mesaque e Abedenego contraposta à adoração idólatra de todos os que se prostraram diante da imagem de ouro. Com a resistência que ofereceram à ordem do rei, aqueles verdadeiros adoradores não se deixaram intimidar pelo risco de morrer. Porém, sua atitude não foi um ato de loucura, mas de fé em um Deus que podia livrá-los. Caso não o fizesse, ainda assim eles não retrocederiam. Mais que a preservação da própria vida, a eles importava a absoluta fidelidade a Deus.

Nabucodonosor e a besta

Para muitos intérpretes, a imagem de ouro de Daniel 3 pode ser relacionada à imagem da besta apresentada em Apocalipse 13. Na história dessa última imagem, há uma correspondência essencial com o relato dos três jovens em Babilônia. Assim como a edificação da imagem de ouro representativa de Nabucodonosor foi precedida por um decreto estatal para que ela fosse adorada, com ameaça de morte para os que se recusassem a fazê-lo, de acordo com o relato apocalíptico, isso se repetirá em âmbito universal no tempo do fim: “Foi-lhe dado poder para dar fôlego à imagem da primeira besta, de modo que ela podia falar e fazer que fossem mortos todos os que se recusassem a adorar a imagem” (Ap 13:15). É importante reconhecer a tipologia essencial entre Daniel 3 e Apocalipse 13.¹⁰

Nesse sentido, a imagem de ouro é similar à imagem da besta. As medidas marcadas pelo número

seis nos fazem perceber a presença de um moderno anticristo babilônico, que obrigará o mundo a prestar adoração à besta e sua imagem (Ap 13:11-18).¹¹

Com respeito à imagem erguida na planície de Dura, descreveu o profeta: “Então o arauto proclamou em alta voz: ‘Esta é a ordem que lhes é dada, ó homens de todas as nações, povos e línguas: Quando ouvirem o som da trombeta, do pífaro, da cítara, da harpa, do saltério, da flauta dupla e de toda espécie de música, prostrem-se em terra e adorem a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor ergueu. Quem não se prostrar em terra e não adorá-la será imediatamente atirado numa fornalha em chamas” (Dn 3:4-6).

Utilizando linguagem semelhante, João escreveu sobre o chamado para submissão à besta: “Foi-lhe dado poder para dar fôlego à imagem da primeira besta, de modo que ela podia falar e fazer que fossem mortos todos os que se recusassem a adorar a imagem. Também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome” (Ap 13:15-17). O apóstolo continuou: “Um terceiro anjo o seguiu, dizendo em alta voz: ‘Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão, também beberá do vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da sua ira. Será ainda atormentado com enxofre ardente na presença dos santos anjos e do Cordeiro” (Ap 14:9, 10).

Desse modo, a profecia bíblica assinala claramente que, nos últimos dias, no cenário da história terrestre, surgirá outro poder, representado pela imagem da besta que, à semelhança de Nabucodonosor tentará conseguir unidade religiosa no mundo. Nesse contexto, estarão arregimentados poderes religiosos,

políticos e militares. A substituição do sábado pelo domingo será a marca visível dessa união. Os fiéis que se recusarem a adorar essa imagem serão ameaçados com penalidades e decreto de morte. “Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apoie as instituições, a América do Norte protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e a aplicação de penas civis aos dissidentes será o resultado inevitável.”¹²

De tudo o que vimos até aqui, nunca é demais que tenhamos em mente alguns pontos para reflexão: A fidelidade dos três amigos de Daniel deve ser exemplo para todo cristão, em todo tempo, em demonstração de que é mais importante obedecer a Deus do que aos homens (At 5:29). A promessa de Deus, no sentido de estar conosco sempre (Js 1:9; Mt 28:20) jamais falhará. O Senhor não apenas estará conosco, mas também intervirá extraordinariamente para nosso livramento no momento mais grave. Morte eterna no fogo que arde com enxofre será a consequência da falsa adoração. Vida eterna no reino celestial será o galardão dos fiéis. ▀

Referências:

- ¹ Merling Alomía, *Daniel: o Varón Muy Amado de Dios* (Lima: Theologika, 2004), v. 1, p. 190.
- ² José Luis Santa Cruz, *O conflito entre a falsa e a verdadeira adoração no livro de Daniel e sua relevância escatológica* (Tese doutoral em Teologia: Universidad Peruana Unión, Lima, Peru, 2003), p. 42.
- ³ Desmond Ford, *Daniel* (Nashville, TN: Southern Publishing House, 1978), p. 76.
- ⁴ Daniel Oscar Plenc, *El Culto que Agrada a Dios* (Buenos Aires: ACES, 2007), p. 131.
- ⁵ Gerhard Pfandl, *Lecciones Para la Escuela Sabática* (Buenos Aires: ACES, 2004), p. 30.
- ⁶ Jacques B. Doukhan, *Secretos de Daniel. Sabiduría y Sueños de un Príncipe Hebreo en el Exilio* (Buenos Aires: ACES, 2007), p. 44.
- ⁷ *Ibid.*, p. 46.
- ⁸ Ángel Manuel Rodríguez, *Fulgores de Gloria* (Buenos Aires: ACES, 2001), p. 124.
- ⁹ Merling Alomía, *Daniel el Profeta Mesianico* (Lima: Theologika, 2007), v. 2, p. 83.
- ¹⁰ Hans LaRondelle, *Las Profecias del Fin* (Buenos Aires: ACES, 2000), p. 313.
- ¹¹ Merling Alomía, *Daniel, el Profeta Mesianico*, v. 2, p. 85.
- ¹² Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 445.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

O binômio da multiplicação

“Oração e fé realizarão o que nenhum poder na Terra pode fazer. Não precisamos ficar ansiosos nem perturbados”

Fé e otimismo são duas palavras que podem mudar você, sua igreja e seu futuro. Uma atitude positiva, alicerçada na fé e na esperança é o primeiro ingrediente do crescimento da igreja. Uma pesquisa realizada entre os anos 2003 e 2007 identificou o mais rápido crescimento entre igrejas adventistas na América do Norte. Essas igrejas tiveram, em média, 5% de crescimento em assistência, número de membros e batismos durante cinco anos consecutivos.

A fim de possibilitar uma comparação imparcial, a pesquisa não considerou igrejas que trabalhavam entre a primeira geração de populações de imigrantes, altamente receptivas. Seguindo esse critério, foram pesquisadas cinco igrejas (que chamaremos de igreja “A”, “B”, “C”, “D”, “E”). Para cada uma dessas igrejas de rápido crescimento, os pesquisadores identificaram três igrejas nas proximidades geográficas que estavam declinando ou estacionadas.

O que podemos aprender dessa pesquisa?

Mesmo lugar, resultados diferentes

Inicialmente, vejamos o caso da igreja “A”. Para entendermos a dinâmica dessa igreja, a três pastores de igrejas estagnadas, localizadas na mesma região, foi perguntada a razão pela qual suas igrejas não cresciam. Quase todos responderam: “O lugar é muito difícil. O povo não está interessado na mensagem adventista, há muitos batistas e carismáticos. Os batistas estão se tornando mais fortes.”

Em contraste, a igreja “A”, plantada em uma cidade média, em 1990, na região central da América do Norte, tem um forte ministério evangelístico. Ao ser entrevistado sobre a cidade, o pastor disse: “Gosto muito de trabalhar ali. As pessoas amam a Deus, nós oramos em favor delas, atendemos as necessidades e elas vêm à igreja. Começamos o trabalho

com poucos membros, mas hoje temos mais de 500 assistentes.”

“A igreja “B” está situada em uma área metropolitana do sul com mais de três milhões de pessoas. Essa igreja foi revitalizada na última década. Atualmente, pode ser descrita como uma congregação culturalmente diversa, com aproximadamente quinhentas pessoas, forte liderança e pregação. O pastor dessa igreja trabalha com fé e otimismo: “Não nos deixamos intimidar pelos desafios. Nosso dever é orar, ter ministérios efetivos e evangelismo. Deus Se encarrega de nos enviar pessoas.” Enquanto isso, os pastores de igrejas estagnadas, na mesma região, apontaram como razão para isso a existência de muitos batistas e desinteresse na mensagem adventista.

A igreja “C” é antiga, estabelecida no subúrbio de uma cidade grande na região noroeste do Pacífico. A congregação mais que duplicou para quase quinhentas pessoas e desen-

volve um forte e criativo ministério comunitário. O pastor dessa igreja testemunhou: “A melhor coisa que me aconteceu foi ter vindo para este lugar. Aqui, as pessoas não têm ligação com igrejas. Nós oramos em favor delas, ministramos às suas necessidades, e elas vêm para nossa igreja.”

Por sua vez, três pastores de igrejas em declínio, na mesma região, disseram: “Vivemos em uma das regiões mais seculares do mundo, o que dificulta qualquer tipo de evangelismo. O povo não pensa em Deus, age como se não necessitasse dEle nem da igreja.”

A igreja “D” está localizada em uma pequena cidade no centro dos Estados Unidos, mas cresceu bem para seu tamanho (cerca de 180 pessoas), exercendo vários ministérios. O pastor não se sentiu impedido pelo tamanho da cidade. Ele acreditou que os membros de sua igreja poderiam ser evangelistas entusiasmados, intercessores, e convidar amigos para a igreja. Então, trabalhou para fortalecer espiritualmente a congregação e torná-la digna de receber pessoas. Cinco anos depois, a igreja havia crescido 50%.

A igreja “E” está em uma área rural no oeste e cresceu admiravelmente, com uma forte congregação apaixonada pelo evangelismo. A assistência era de aproximadamente quatrocentos assistentes, predominantemente anglo-americanos, além de alguns hispânicos. Mas, nem sempre foi assim. No passado, a igreja quase morreu e, ao chegar, o novo pastor ouviu: “Esta igreja não crescerá, pois a cidade também não cresce.” Porém, ele acreditou que Deus podia operar naquela congregação o milagre do crescimento. Avançou com fé, levando-a a se tornar uma luz na comunidade.

Ingrediente mais importante

Sem o Espírito Santo, nenhum fator isolado ajudará sua igreja a crescer, muito menos alguma combinação de esforços ou estratégias. Porém, com o Espírito Santo temos toda razão para alimentar otimismo e entusiasmo em relação ao futuro.

Entre os fatores identificados pela pesquisa, como contribuintes para o crescimento da igreja, incluindo liderança efetiva, envolvimento da irmandade, oração intercessora e culto dinâmico, nenhum foi mais importante do que fé e otimismo.

O ingrediente mais importante para o crescimento da igreja é ter atitude vencedora, fundamentada na fé em Deus. Com Seu poder e Sua bênção, podemos conquistar o mundo para Cristo. Quando dizemos que as pessoas não estão interessadas ou que é difícil alcançá-las, estamos limitando o poder de Deus, limitamos a nós mesmos e as pessoas a quem pretendemos alcançar. Se você tem a firme crença de que o povo não está interessado, por que deveria tentar novos métodos para alcançá-lo?

Hoje, a situação é muito parecida com a que prevalecia quando Jesus andou nesta Terra. No primeiro século, três principais ideias filosóficas estavam representadas nas três principais cidades: Jerusalém representava a tradição, pessoas desinteressadas e rígidas em suas crenças. Atenas representava a filosofia moderna e abertura para novas ideias. Roma representava a pós-modernidade, a cultura do entretenimento, idolatria aos heróis, hedonismo. Nessas cidades, a fé cristã enfrentou perseguição. Apesar dos desafios, o evangelho foi proclamado e o reino de Deus cresceu. O primeiro século foi uma época de crescimento numérico e espiritual da igreja, porém isso não aconteceu porque não houvesse desafios, mas porque a igreja tinha fé em Jesus Cristo e no poder do Espírito Santo. Em nosso tempo, Deus levará Sua igreja ao triunfo. Se desejamos ser parte disso, devemos crer em Deus e em Seu Espírito.

Sempre ouvimos desculpas que tentam explicar as razões pelas quais certas igrejas não crescem. Mas pastores de igrejas em crescimento alimentam a crença de que podem ganhar o mundo para Jesus, mantendo o pensamento de que podem todas as coisas naquele que os fortalece. Têm

fé na realidade de que, com Deus, toda igreja pode crescer dinâmica, saudável e cheia de entusiasmo pelo evangelismo. Fé e esperança são contagiosas. Os membros dessas igrejas acabam tendo a mesma fé, atitude e o mesmo otimismo; creem que Deus fará grandes coisas por eles, por seus familiares e pela igreja.

“A resposta do pastor estabelecerá o tom da resposta congregacional. Se o pastor se mostrar derrotado, triste, desapontado e deprimido, a congregação espelhará os mesmos sentimentos.”¹

“Crescimento de igreja não é conseguido sem esforço nem é fácil. Porém, com Deus, tudo é possível”

Deus quer agir

Somos colaboradores de um Deus todo-poderoso que pode fazer todas as coisas. “O Senhor está disposto a fazer grandes coisas por nós. Não obtemos a vitória através de número, mas pela completa entrega da vida a Jesus. Temos de ir avante em Sua força, confiando no poderoso Deus de Israel.”²

O Senhor fará grandes coisas por Seus filhos e por Sua igreja. Otimismo fundamentado na fé não é ansiedade, ignorância da realidade, nem minimização das dificuldades. Otimismo é confiar no poder de um Deus que pode fazer o impossível. Esse é o testemunho das Escrituras. O Senhor deu um filho a uma mulher estéril que tinha 90 anos e era casada com um homem de 99 anos (Gn 17:17; 18:10-14). Deu um filho a uma virgem (Lc 1:34-38). Transformou um garotinho em um gigante (1Sm 17). Ele prometeu que, se tivermos fé como grão de mostarda, transportaremos montanhas (Mt 17:20). O peso das Escrituras repousa na fé em um Deus que pode fazer tudo.

“Ah! Soberano Senhor, Tu fizeste os céus e a Terra pelo Teu grande poder e por Teu braço estendido. Nada

é difícil demais para Ti... Realizaste sinais e maravilhas no Egito e continuas a fazê-los até hoje, tanto em Israel como entre toda a humanidade, e alcançaste o renome que hoje tens. Tiraste o Teu povo do Egito com sinais e maravilhas, com mão poderosa e braço estendido, causando grande pavor” (Jr 32:17-21).

“Jesus olhou para eles e respondeu: ‘Para o homem é impossível, mas para Deus não; todas as coisas são possíveis para Deus’” (Mc 10:27).

Quando cremos no poder de Deus, Ele nos recompensa com riquezas e abundantes bênçãos. O Senhor ainda é Todo-poderoso. Nosso otimismo permanece alicerçado em Sua natureza imutável, em Seu grandioso poder, em Suas promessas fiéis.

O fator fé

De que maneira uma atitude de fé afeta a igreja e a faz crescer?

Operação de milagres. Testemunhar Deus em ação fortalece de modo incomum tanto indivíduos como congregações. Uma atitude de fé possibilita que Deus opere milagres entre nós, e esses milagres produzem mais fé, que, por sua vez, produzem mais ações visíveis de Deus.

Atitude certa. Uma atmosfera de atitude vencedora é mais importante que qualquer outra coisa. É mais importante que a história de sucesso ou fracasso da igreja, mais importante que o edifício, orçamento e a assistência, mais importante que a fama (ou infâmia). É mais importante que a generosidade dos membros ou a habilidade do pastor.

O notável é que podemos fazer uma escolha cada dia, com respeito à atitude com que enfrentaremos esse dia. Não podemos mudar o passado. Não podemos mudar o fato de que as pessoas agirão de determinado modo; não podemos mudar o inevitável. A única coisa significativa que podemos fazer é escolher nossa atitude.

Alegria contagiante. Sua atitude alegre no trabalho do Senhor pode permear toda a congregação. Seu entusiasmo e crença na grandeza

de Deus têm uma forma especial de influenciar cada membro da congregação e mudar a atitude dele em possibilidades e vitórias. Deposite sua fé em Deus. Comece observando os poderosos feitos de Deus, e sua igreja avançará em efetividade e crescimento saudável. Deus o recompensará, de acordo com o tamanho de sua fé e visão. Ele dará a você uma igreja cheia de alegria e fortalecida pela confiança em Deus.

Que tipo de pastor você deseja ser? Cheio de desculpas ou cheio de fé e otimismo? Se você tiver a atitude correta, será capaz de adquirir habilidades para o sucesso, e Deus lhe dará os recursos necessários. Alguém poderá dizer: “Você não conhece minha área, minha igreja, as dificuldades que estou enfrentando, os conflitos que tenho.” Crescimento de igreja não é conseguido sem esforço nem é fácil. Porém, com Deus, tudo é possível. “Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio” (2Tm 1:7). Ele nos assegura de que estará conosco até o fim dos tempos (Mt 28:20).

Fazendo acontecer

Fortaleza sua fé. Estude as ações de Deus, na Bíblia e na História.

Viva a fé. Demonstre fé, através de suas palavras e seus atos. Fale sempre sobre o poder de Deus.

Partilhe a visão. Use sermões, testemunhos, slogans, faixas e cânticos.

Autoestima confiante. Crie uma congregação entusiasmada, com autoestima saudável e que acredita que tudo é possível. Celebre as bênçãos. Chame a atenção das pessoas para os atos de Deus em sua igreja. Celebre o crescimento numérico dos membros e o aumento de ofertas e dízimos. Dedique tempo a orações de gratidão que focalizam as realizações de Deus em favor da igreja.

Mudança de linguagem. Aborde os problemas a partir de uma perspectiva de fé, nomeando-os como oportunidades e desafios. Não pense nos problemas como limitação, mas como ocasiões para ser criativo. Troque

a palavra “fracasso” pelo abençoado risco: “Somos a igreja que não teme tentar novas coisas para Deus.”

Recrutamento de líderes. Escolha pessoas que tenham otimismo alicerçado na fé e que acreditem nas possibilidades.

Uma atitude otimista e de fé significa que, em vez de se deixar intimidar pelos desafios, esperamos a vitoriosa intervenção de Deus. Oramos pela conversão de muitos. Trabalhamos no poder do Espírito Santo. Esperamos Deus fazer grandes coisas.

Quais são suas expectativas? Deus nos recompensará de acordo com elas. Portanto, esperemos grandes cultos, grande fé, grande Escola Sabatina, muitas pessoas, grande crescimento! Espere Deus fazer grandes coisas. Espere-O para ajudar você a cumprir todo o seu potencial. Espere para que as pessoas sejam transformadas, a fim de que transformem o mundo e façam grandes coisas para Deus.

“Oração e fé realizarão o que nenhum poder na Terra pode fazer. Não precisamos ficar ansiosos nem perturbados. O agente humano não pode ir a todo lugar nem fazer tudo o que precisa ser feito. Comumente, as imperfeições se manifestam no trabalho, mas se mostrarmos inquebrantável confiança em Deus, não dependendo da habilidade nem do talento de homens, a verdade avançará. Deixemos todas as coisas nas mãos de Deus, deixemos que Ele faça o trabalho à Sua maneira, de acordo com Sua vontade, por meio de quem Ele escolher. Deus usará aqueles que parecem ser fracos, caso sejam humildes. A sabedoria humana, a menos que seja diariamente controlada pelo Espírito Santo, se provará loucura! Devemos ter mais fé e confiança em Deus. Fervorosa oração e fé realizarão o que está muito além da nossa imaginação.”³ ■

Referências:

- ¹ Howard K. Batson, *Common Sense Church Growth* (Macon, GA: Smith & Helwys, 1999), p. 89.
- ² Ellen G. White, *Filhos e Filhas de Deus* [MM, 1956], p. 279.
- ³ _____, *Manuscript Releases* (Silver Spring, MD: E. G. White Estate, 1993), v. 8, p. 218.



O pastor que a igreja espera

Nosso maior compromisso é com o Senhor Jesus. Em nome dEle, todos os sofrimentos e privações são compensadores

Convivendo com indígenas, no território da nascente do rio Amazonas, bem no coração da floresta, o casal William e Olga Schaeffler cumpriu uma missão de risco durante dez anos. Tudo teve início a partir de 1927, quando foram organizadas as missões indígenas da antiga União Incaica (Peru, Bolívia e Equador). Aquele era um território difícil para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Poucos obreiros se animavam a atender chamados para a região. O Campo não era promissor; as dificuldades financeiras eram imensas.

Corajosamente, os Schaeffler aceitaram trabalhar na floresta norte

do Peru. Como resultado, estabeleceram duas escolas, uma igreja, além de instalações para atender a população e abrigar obreiros. Quase 250 índios campá foram batizados, mudaram-se para perto do casal e formaram uma vila adventista em plena floresta.¹

Relatos como esse impressionam, em parte porque muitos dos que nasceram em lar adventista, um dia sonharam em ser missionários. Deus usa tais relatos e muitos outros meios para chamar jovens e famílias para trabalhar em lugares remotos do mundo. Porém, embora alguns tenham recebido esse chamado, não precisamos necessariamente nos

mudar para outro país, se quisermos ser missionários. Para a grande maioria, é suficiente representar dignamente Deus e Seu evangelho, em qualquer lugar.

Isso é mais verdadeiro no século 21. Nossa sociedade vem abrindo mão de sua herança cristã e assumindo uma postura dita “pós-cristã”, como se a religião de Cristo estivesse superada. Para reverter o quadro, precisamos voltar à Bíblia. Nela encontramos excelentes modelos de homens que viveram à altura das exigências de seu tempo. Neste artigo, refletiremos sobre a experiência de um desses homens.

Pastor Timóteo

Mentoreado pelo apóstolo Paulo, o jovem pregador Timóteo recebeu conselhos relevantes, um dos quais realçava o convite para o “bom combate” (1Tm 1:18). Ele era natural de Listra da Licaônia, filho de uma judia convertida, mas o pai era grego. Na segunda viagem missionária, Paulo teve a companhia de Silas (ou Silvano). Os cristãos de Listra e Icônio deram boas referências de Timóteo, e o apóstolo o levou consigo depois de circuncidá-lo (At 16:1-3).

Que tipo de capacitação teria Timóteo, a fim de assumir o comando de uma das frentes de combate na guerra espiritual? Paulo lhe diz que não devia menosprezar o ato da imposição das mãos (1Tm 4:14). A expressão “por mensagem profética” sugere a existência de uma revelação natural apontando para a consagração de Timóteo (cf At 13:2, 3). Foi Paulo quem impôs as mãos da consagração sobre o jovem pastor (2Tm 1:6).

Como pastor ordenado, Timóteo não devia se preocupar com a salvação meramente do ponto de vista evangelístico, como algo a ser levado ao povo. Ele devia se envolver experimentalmente com o processo. Combater o bom combate incluía tomar posse da vida eterna (1Tm 6:12). Salvar-se a si mesmo era imperativo; tanto quanto salvar outros (2Tm 4:16).

Evidentemente, a experiência da salvação produz inúmeros benefícios. Porém, a salvação atrai para seus divulgadores a oposição e o desprezo por parte dos que rejeitam sua mensagem. Timóteo devia suportar os sofrimentos que a pregação do evangelho lhe acarretasse, tendo a certeza da salvação passada e da vocação presente (2Tm 1:8, 9), além da garantia da recompensa futura (2Tm 1:12; 4:7, 8).

Conselhos fundamentais

O bom combate da fé ainda clama por pessoas que aceitem seu desafio e o alcance da missão dada por Deus. Paulo, Timóteo, João Huss, Zuínglio

e milhares de campeões do passado descansam no Senhor, tendo cumprido sua parte no combate. Agora é nossa vez de nos erguermos e lutar por nossa salvação e a de nossos semelhantes. Para isso, nada existe melhor do que considerar as orientações de Paulo a Timóteo.

“Fortifique-se na graça que há em Cristo Jesus” (2Tm 2:1). É como se Paulo dissesse literalmente: “vá para o campo de batalha como um soldado”.² A forma enfática com que o apóstolo incentivou Timóteo também pode ser vertida da seguinte maneira: “Você, entretanto, meu filho, seja continuamente fortalecido pela graça que há em Cristo Jesus.”³

Os desafios da pós-modernidade são imensuráveis. Porém, a igreja está amadurecida para enfrentá-los. Em um documento oficial, ela reconhece que “o desafio de alcançar os mais de seis bilhões de pessoas no planeta Terra” é algo que “parece impossível”, sendo uma tarefa esmagadora. “De uma perspectiva humana, o rápido cumprimento da grande comissão de Cristo, em algum momento próximo, parece improvável”. Diante disso, a liderança mundial da igreja faz um apelo para que busquemos o reavivamento e a reforma, uma experiência que nos ligará ao Espírito Santo⁴.

Em nenhum momento em que o povo de Deus se uniu, humildemente buscando poder, sua oração foi descartada. O Pai quer nos encher de sabedoria e discernimento. Precisamos do Espírito de Deus, transformador da nossa vida. É tempo de nos fortalecermos na graça do Senhor!

“Transmita o legado da verdade, envolvendo outros na missão” (v. 2). Como se acha traduzido em algumas versões, o verso pode dar a ideia de transmissão indireta, como se Paulo tivesse ensinado a outros que, por sua vez, ensinaram Timóteo: Entretanto, a maioria das versões assinala corretamente que a transmissão do ensino foi direta. Paulo, pessoalmente, ensinou o jovem pregador: “E as palavras que me ouviu dizer

na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (NIV); “guardando o que ouviste da minha boca” (Figueiredo).⁵

Pode-se traçar um paralelo do texto com o tom das instruções apresentadas em 1 Timóteo 1:18-20, onde se nota contraste entre Timóteo e alguns que apostataram, entre os quais são citados Himeneu e Alexandre. Do jovem discípulo é dito que possuía a confirmação profética para continuar no bom combate com boa consciência. Sobre os opositores, Paulo escreveu que haviam rejeitado os apelos de Deus à consciência, e naufragaram na fé, sendo entregues a Satanás.

Como alguém divinamente comissionado, Timóteo tinha a missão de legar o que aprendera de Paulo. Legar significa transmitir um legado, dividir uma herança, ceder um patrimônio. O patrimônio do cristão é a verdade (Jd 3). “O ministério não é algo que podemos fazer por nós mesmos e manter por nós mesmos. Somos guardiães de um tesouro que Deus nos confiou. É nossa responsabilidade guardar o depósito e então investir na vida de outros. Eles, por sua vez, têm de compartilhar a Palavra com a próxima geração de crentes.”⁶

“Submeta-se às condições” (v. 3-7). Paulo convidou seu jovem companheiro a partilhar sua vida de sofrimentos em favor do evangelho. Para realçar ainda mais a questão na mente de Timóteo, ele pintou seus argumentos com exemplos tangíveis. Mencionou três imagens representativas da maneira pela qual devemos nos ajustar à missão:

1. **Soldado.** Aqui são enfatizados dois aspectos: O soldado serve apenas a quem o alistou (v. 4), e se sujeita ao sofrimento (v. 3). Na época do império romano, a disciplina de um soldado era árdua. Cada soldado carregava pesados armamentos, além de utensílios como serra, cesto, picareta, machado, anzol e comida para três dias.⁷

Essa imagem envolve compromisso. Durante o período de serviço mi-

litar, o soldado não se preocupa com seu sustento nem com suas atividades sociais. Sequer tem tempo para se dedicar à família. Seu foco está no serviço prestado ao país. Em nome desse compromisso, ele se sujeita a privações. Semelhantemente, a vida cristã e o ministério envolvem compromisso incondicional com os negócios do Reino de Deus. Há luta renhida e desafios constantes. Devemos ter em vista que nosso maior compromisso é com o Senhor Jesus que nos alistou. Em nome dEle, todos os sofrimentos e privações são compensadores.

2. *Atleta*. Durante as olimpíadas de Seul, Em 1988, o canadense Ben Johnson venceu a prova dos cem metros rasos, estabelecendo a marca de 9s79. O mundo ficou fascinado com aquele voo em solo. Infelizmente, algumas horas mais tarde descobriu-se que o atleta usara estanozolol, um esteroide anabolizante. Ben Johnson foi apanhado no exame antidoping e sua medalha foi recolhida. Seu recorde, apagado.

Em 2001, o mesmo Ben Johnson, que já estava banido do esporte por reincidência no uso de substâncias ilícitas, voltou a ser notícia. Ele se achava na Via Veneto, em Roma, quando uma mendiga lhe bateu a carteira. O corredor saiu em perseguição da ladra, mas, ironicamente não conseguiu alcançá-la!⁸ A história de Ben Johnson reforça o aspecto que Paulo pretende enfatizar: o atleta valida sua participação, seguindo as regras da competição. Na vida cristã, nossa missão deve ser levada adiante, mas não de qualquer forma. Não apenas os resultados, mas os motivos e métodos que nos levam a obtê-los são importantes. Devemos seguir as regras do jogo; aquelas que o próprio Deus estabeleceu em Sua Palavra.

3. *Agricultor*. Certamente, aqueles que crescem em ambiente urbano teriam dificuldades para se adaptar à dura rotina de uma fazenda. Pessoas que vivem no campo dormem e acordam muito cedo e trabalham arduamente durante muitas horas do dia. Paulo enfatizou que o agricultor

participa da própria colheita (v. 6), o que constitui sua recompensa em meio a tantos desafios.

Essas três imagens têm algo em comum, embora apresentem nuances diferentes: “Um soldado sofre por ser forçado a ignorar afetos civis. O atleta sofre devido ao treinamento. O agricultor sofre por causa do trabalho árduo. O que perpassa todas essas metáforas em comum é o tema da perseverança em face do sofrimento descrito.”⁹

“Nossa missão deve ser levada adiante, mas não de qualquer forma. Não apenas os resultados, mas os motivos que nos levam a obtê-los são importantes”

“Mantenha em vista o objetivo da missão” (v. 8-13). Paulo estava preso e consciente de que se encaminhava para o fim da vida (2Tm 4:6, 7). Em situações semelhantes a essa, as pessoas costumam se encher de autopiedade. Não Paulo! Seu foco era a recompensa, porque ele sabia que não havia corrido em vão. O que devemos fazer para não deixar de lado o objetivo de Deus para nós? Apenas três coisas:

1. *Anunciar o Cristo ressurreto* (v. 8). Jesus permanece como o centro da mensagem de Paulo. Em especial, o apóstolo considerava a dupla natureza do Filho de Deus: “Sua descendência humana estabelece Sua humanidade. Sua ressurreição proclama Sua divindade.”¹⁰

2. *Anunciar a Palavra invencível* (v. 9). Embora Paulo estivesse acorrentado, a Palavra tinha liberdade, percorrendo os rincões mais distantes do império de César. Seus arautos poderiam tombar ou mofar em calabouços subterrâneos, mas a mensagem pela qual viviam era indestrutível!

3. *Anunciar que a fidelidade divina dará a recompensa* (v. 10). Acima de

tudo, em um mundo de injustiças, Paulo não esperava reconhecimento nem tapinhas nas costas. Ele sabia que o discipulado é um risco para toda pessoa. Às vezes, o discípulo de Cristo recebe injúria, em vez de aplausos. Não raro, esta é a realidade: Quer ser lembrado? Faça algo fútil, escandaloso e sem serventia. Quer ser rejeitado, injustiçado, sofrer perseguição e constante desdém? Decida-se por seguir a Jesus.

Quando nos fortalecemos na graça de Jesus, transmitimos o legado da verdade, dispomo-nos às condições da missão e mantemos a atenção em nossa recompensa futura, nada mais importa. Vivemos impregnados com o sangue vertido no Calvário. O impacto que causaremos no mundo dependerá menos de gastos com *marketing*. Especialmente, pensando no exemplo de Paulo, é necessário que haja pastores que modelem a si mesmos e o ministério que realizam, de acordo com o padrão do Pastor-Chefe. Afinal, o clamor da igreja é por pastores legítimos.¹¹ ■

Referências:

- ¹ Floyd Greenleaf, *Terra de Esperança: O Crescimento da Igreja Adventista na América do Sul* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 338-340.
- ² Warren W. Wiersbe, *Wiersbe's Expository Outlines on the New Testament* (Wheaton, III: Victor Books, 1997), p. 645.
- ³ William D. Mounce, *Word Biblical Commentary: Pastoral Epistles* (Dallas: Word, Incorporated, 2002), v. 46, p. 503.
- ⁴ Documento votado no Concílio Outonal da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo dia, em 11/10/2010.
- ⁵ C. Michael Moss, *1, 2 Timothy, & Titus*; The College Press NIV Commentary (Joplin, MO: College Press, 1994), edição eletrônica, comentário sobre 2Tm 2:2.
- ⁶ Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (Wheaton, III: Victor Books, 1996), edição eletrônica, comentário sobre 2Tm 2:1.
- ⁷ James M. Freeman; Harold J. Chadwick, *Manners & Customs of the Bible* (North Brunswick, NJ: Bridge-Logos Publishers, 1998), p. 543.
- ⁸ “O fim de uma farsa”, http://epoca.globo.com/especiais/olimpiadas/0807_ouroperdido.htm
- ⁹ William D. Mounce, *Op. Cit.*, p. 507.
- ¹⁰ Thomas C. Oden, *First and Second Timothy and Titus: Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching* (Louisville: J. Knox Press, 1989), p. 49.
- ¹¹ E. Glenn Wagner, *Scape from Church*, in: *The Return the Pastor-Shepherd* (Zondervan, 1999), p. 32, 111.

GRATIDÃO E RECONHECIMENTO

“Os servidores aposentados merecem honra e consideração por terem ajudado na edificação da igreja” (*Manual da Igreja*, p. 37). Seguindo esse conselho, a partir desta edição de Ministério, a Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana homenageia os pastores jubilados, expressando-lhes reconhecimento e profunda gratidão pelo relevante trabalho realizado para Deus. Entretanto, alegramo-nos mais ainda na certeza de que o maior galardão lhes será conferido quando o Supremo Pastor Se manifestar em glória e majestade.



NASCIDO EM FAMÍLIA LUTERANA, O PASTOR EVALDO KRAHENBUHL teve chance de se tornar pastor dessa denominação, mas Deus tinha outros planos para ele. Era ainda criança, quando seu pai adquiriu livros adventistas, oferecidos por um colportor. A leitura de dois desses livros (*Homens que Fizeram o Brasil* e *O Conflito dos Séculos*) e as mensagens do programa *A Voz da Profecia* mudaram sua vida. Batizado na igreja central de Campinas, o pastor Evaldo concluiu o curso teológico em 1979, no IAE. No ano seguinte, iniciou seu ministério desenvolvido nas regiões central e sudeste do estado de São Paulo. Casado com Ruth Gemeinder Krahenbuhl, atualmente reside em Hortolândia.



O PASTOR JEOVAH GOULART NASCEU CATÓLICO, EM CUMARÍ, GO. Porém, convertido ao adventismo, tornou-se colportor aos 18 anos. Depois de haver cursado o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em três internatos adventistas, graduou-se em Teologia no IAE, em 1977. Desde então, trabalhou em Brasília, na Associação Paulista Leste e Associação Paulista do Vale. O pastor Jeovah concluiu essa fase de seu pastorado aos 53 anos de batizado, 66 anos de idade e 35 anos de trabalho. Segundo suas palavras, o momento mais difícil desse período foi a morte da primeira esposa, em 2000. Mas o nascimento dos filhos Anderson e Cristiellen lhe proporcionou a maior alegria. É casado com Luciana Goulart.



AERCE MARSOLA GRADUOU-SE EM TEOLOGIA EM 1976 NO IAE (atual Unasp), e iniciou seu ministério como auxiliar em série de conferências públicas em Francisco Beltrão-PR. Foi pastor distrital nos estados do Paraná e Goiás, diretor de Mordomia Cristã e presidente de Campo. Jubilou-se como pastor de igrejas na Associação Paulista Sul. Casado com Laudiceia Marsola, tem duas filhas: Regiane, casada com o pastor Kleber Hernandes, Rosiane, casada com o pastor Rubens Freitas, e dois netos.



TENDO COMPLETADO 32 ANOS DE EFICIENTE MINISTÉRIO, AOS 65 ANOS, O PASTOR EMÉRICO CAFÉ FERREIRA também passa a integrar as fileiras dos pastores jubilados. Depois de haver concluído o curso teológico no antigo Educandário Nordestino Adventista, ENA, iniciou suas atividades pastorais no ano seguinte, ao lado da esposa, Albenise de Freitas Silva Café, na então Missão Bahia. Ao encerrar sua carreira, atuava como pastor distrital na Associação Bahia Sul.



DURANTE 35 ANOS DE PROFÍCUO MINISTÉRIO, O PASTOR IVANAUDO BARBOSA DE OLIVEIRA trabalhou como pastor de igrejas, diretor de departamentos e administrador nas Associações Paranaense, Sul-Rio-grandense e Norte Paranaense. Também trabalhou como secretário das Uniões Sul-Brasileira e União Nordeste Brasileira, onde foi agraciado com a jubilação, a partir do dia 1º de março do ano passado. O pastor Ivanaudo é casado com Magali Barbosa de Oliveira.



O PASTOR JOÃO CLÁUDIO DO NASCIMENTO, CASADO COM CLAUDELINA Pereira do Nascimento, dedicou 30 anos de sua vida ao ministério pastoral ativo, jubilando-se no dia 1º de janeiro de 2012. Em sua carreira ministerial trabalhou como pastor de igrejas, diretor de departamentos e administrador nas Missões Costa-Norte, Maranhense e Nordeste, na União Norte-Brasileira e na Associação Costa-Norte.

Questão de atitude

A caso, você já notou que, às vezes, sua atitude varia de um dia para outro? Em grande medida, nossa atitude mental determina nosso êxito ou fracasso. Deus criou o cérebro com capacidade para se aperfeiçoar em função, habilidade e atitude, por meio de uso e exercício. Assim, ele se renova constantemente de acordo com o que lemos, pensamos, sentimos e esperamos.

Ao nos depararmos com as montanhas da vida, a atitude pode ser mais importante que os fatos. Quando alimentamos atitude negativa, gastamos muita energia tentando superar pequenas questões, e acabamos despreparados quando necessitamos de atitude mental vigorosa para escalar os picos das dificuldades.

Mentalidade fixa = resultados fixos

A psicóloga Carol Dweck analisou o que ela mesma nomeou de “mentalidade fixa” e “mentalidade em crescimento”.¹ A mentalidade fixa acredita que características como inteligência, habilidade, personalidade e competência são inatas e imutáveis. Possuidores dessa mentalidade creem que “trabalhar” por aperfeiçoamento indica uma falta básica de inteligência ou de habilidade. Tendem a ver a si mesmos como ativos ou passivos, fortes ou fracos, vencedores ou perdedores.

Essas pessoas escolherão resolver problemas fáceis, em vez dos difíceis, para mostrar a si mesmas que são competentes. Por causa dessa necessidade de ser ativos, em vez de “se tornar

ativas”, elas tendem a evitar desafios, desistem facilmente diante dos obstáculos, ignoram críticas e se sentem ameaçadas pelas outras pessoas.

O sociólogo Benjamin Barber concluiu: “Não divido o mundo entre fracos e fortes, bem-sucedidos e fracassados... Divido o mundo entre aprendizes e não aprendizes.”² Pode-se ter mentalidade fixa em algumas áreas, mas não em outras. A boa notícia é que esse tipo de mentalidade pode ser transformado.

Mentalidade em crescimento = resultados crescentes

A mentalidade em crescimento crê que, embora possamos ser diferentes em atitudes básicas, interesses e temperamentos, todo mundo pode mudar, crescer e se aperfeiçoar.

Pessoas com essa mentalidade têm paixão pelo crescimento, embora cometam erros no enfrentamento dos desafios. Elas podem não ser ativas, mas estão interessadas em se tornar ativas. Tendem a aceitar os desafios e persistir em vencê-los apesar dos obstáculos; aprendem com as críticas e consideram inspirador o sucesso de outros. São capazes de recomeçar, quando são abatidas pelas dificuldades, e tendem a ser mais perdoadoras.

Mude sua mentalidade

Ao ser libertado, Victor Frankl, psiquiatra judeu preso em Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial, disse: “Tudo pode ser tirado de um homem, menos uma coisa: a última das liberdades humanas – a de esco-

lher sua atitude em qualquer situação ou circunstância.”³ Escolher uma nova forma de pensar é como mudar qualquer outro hábito, ou seja, requer prática, perseverança e paciência.

Você tende a ser negativista? Não se aflija. O psiquiatra John Ratey afirma o seguinte: “Não somos prisioneiros de nossos genes nem de nosso ambiente. Pobreza, alienação, drogas, desequilíbrio hormonal e depressão não determinam fracasso. Riqueza, vegetais e exercício não garantem sucesso... Os genes estabelecem limites para o comportamento humano, mas dentro desses limites há muitíssimo espaço para variações determinadas pela experiência, escolha pessoal, e pelas oportunidades... Sempre temos a capacidade de remodelar nosso cérebro.”⁴

Então, primeiramente, aprenda a identificar o pensamento fixo. Depois, determine substituí-lo pela mentalidade em crescimento. Finalmente, procure direção e poder na Palavra de Deus. Cristo disse: “Aprendam de Mim” (Mt 11:29). Com Ele, é possível aprender novas e melhores maneiras de viver e pensar. Pratique uma nova atitude; isso ajudará você a conquistar maiores alturas, diante dos desafios da vida. E contagiará outras pessoas ao seu redor, inclusive os membros de sua igreja. ▀

Referências:

¹ Carol Dweck, *Mindset: The New Psychology of Success* (Nova York: Random House, 2006).

² *Ibid.* p. 16.

³ Victor Frankl, *Man's Search for Meaning* (Boston: Beacon Press, 2006), p. 66.

⁴ John Ratey, *A User's Guide to the Brain* (Nova York: Vintage Books, 2002), p. 17, 32, 36.

**Selo Ouro
Top Qualidade Brasil 2012
Gastronomia**

Superbom[®]

A ABRAHM, Academia Brasileira de Honrarias ao Mérito, expede o respectivo Certificado do Prêmio Top Qualidade Brasil 2012 – Edição Especial Gastronomia – SELO DE OURO – selado e chancelado por esta Presidência, prenotado em seu Livro de Ouro de Láureas e Condecoração, faz publicamente conhecer que a entidade PRODUTOS ALIMENTÍCIOS SUPERBOM é identificada como referência e orgulho da gastronomia nacional, visto que sua importante contribuição permitiu que resgatássemos nossa missão de promover o justo exercício de homenagear as 100 melhores empresas/marcas da gastronomia brasileira.



São Paulo, Palácio Anchieta, Câmara Municipal de São Paulo,
5 de novembro de 2012

Vegetale

GELEIAS

Amends

PROTEÍNAS

CEVADA

KNOX

SUCOS INTEGRÁIS

Say Good

MELVILLE

Fruitt's

MELADO DE CANA

Glugs

Qualidade de vida é
Superbom[®]

www.superbom.com.br



Compartilhe | SuperbomBR

O ÚLTIMO IMPÉRIO

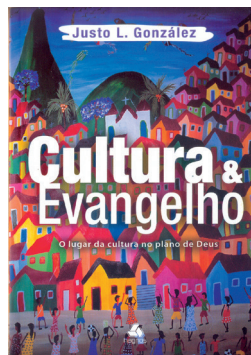
Vanderlei Dornelles, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, e-mail sac@cpb.com.br, 184 páginas.



A identificação dos Estados Unidos como império é comum na imprensa e no mundo acadêmico. Porém, já no século 19, intérpretes adventistas tinham percebido esse potencial e relacionado a nação, então emergente, às profecias apocalípticas. O objetivo desse livro é mostrar como o processo do estabelecimento desse país provê importantes dados para iluminar a interpretação adventista de Apocalipse 13. Além disso, esclarece o atual panorama sociopolítico da nação e as perspectivas futuras.

CULTURA & EVANGELHO

Justo L. Gonzalez, Editora Hagnos, São Paulo, SP; telefax (11) 5668-5668, hagnos@hagnos.com.br, 151 páginas.



Segundo Justo L. González, o desafio da missão cristã consiste em entender correta e teologicamente o que é a cultura, que lugar ocupa no plano de Deus, como funciona e qual é sua relação com a igreja. Somente assim poderemos entender a nós mesmos e também nossa missão. São esses os temas abordados neste livro, muito útil e necessário para a vida e missão da igreja na América Latina.

SOCORRO! ESTÃO ME SEGUINDO

Clinton A. Valley, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, e-mail sac@cpb.com.br; tel.: 0800-9790606.



O que aconteceria se os líderes cristãos passassem a acreditar que aquilo que sempre consideraram bom não é mais tão bom assim? Se sássem de sua zona de conforto, reagissem e buscassem a excelência? Se não tivessem medo de seguir fielmente a liderança de Deus e deixar o futuro em Suas mãos? Neste livro, o autor oferece respostas para essas perguntas. Tendo como base sua vasta experiência, ele apresenta o verdadeiro propósito da liderança e o perfil do líder eficaz.

ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA MISSIONAL

Derson Lopes, Núcleo Missional da Associação Paulista Leste, São Paulo, SP, lopesderson@yahoo.com, 93 páginas.



Planejamento, organização e foco são essenciais em todas as áreas da vida, mas em se tratando da igreja de Deus e do cumprimento de sua missão, esses itens passam a ser indispensáveis. Tendo isso em mente, Derson Lopes escreveu este livro, cujo objetivo é ser um manual para líderes. De forma simples e objetiva, são estudados alguns aspectos da prática administrativa da igreja e seus ministérios, no contexto da missão.



Carlos Hein

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

No mundo, mas não do mundo

Amigo pastor, inegavelmente vivemos em um tempo muito solene. Tempo em que não devemos viver de maneira egoísta, buscando nosso próprio prazer, tentando satisfazer nossos gostos, igualando-nos tanto com o mundo, que esse não perceba diferença nenhuma entre quem é povo de Deus e quem não é.

Somos enviados ao mundo para demonstrar quem é e como é Jesus. Somos Seus representantes, responsáveis por refletir Sua imagem em todas as coisas: desde nossa maneira de falar e trabalhar até o modo de nos alimentarmos e nos vestirmos.

Por ocasião da queda das Torres Gêmeas, em 11/09/2001, nos Estados Unidos, perguntaram à filha do pregador Billy Graham sobre a razão pela qual Deus permitiu aquela tragédia. Ela respondeu: “O ser humano está pedindo que Deus Se retire de sua vida, de seus negócios, de sua família, das escolas e da política. E Deus, respeitoso como é, está Se retirando lentamente.”

Hoje, somos as mãos, os pés e a boca de Jesus, a fim de refletir no mundo o caráter de Deus. Estou certo de que os anjos choram,

quando alguns que se dizem representantes de Jesus vivem um estilo de vida tão parecido com o do mundo, em nada semelhante ao do Salvador. À medida que nos aproximamos do fim, os cristãos genuínos se diferenciarão dos outros habitantes do mundo, vivendo o estilo de vida proposto por Deus. Porém, sejamos honestos. Acaso, hoje, nota-se clara diferença entre os dois grupos? A indumentária, a música, os divertimentos, a alimentação, entre outras coisas, têm alguma diferença do que é visto em comunidades não adventistas?

Nota você alguma semelhança entre o que acontecia nos dias dos juízes de Israel e nos nossos? Há uma expressão repetida com a qual o livro de Juízes é concluído: “Naquela época não havia rei em Israel; cada um fazia o que lhe parecia certo” (Jz 21:25). Isso nos diz que o livro

de Juízes tem uma mensagem muito oportuna para nós que vivemos no século 21, caracterizado pelo relativismo moral altamente permissivo. Infelizmente, não somos imunes a esse relativismo, contudo não devemos absorver seu estilo de vida, embora tenhamos um preço a pagar por essa diferença.

Ellen G. White escreveu: “Aqueles que não amam a Deus não amarão os filhos de Deus. Ouçam as palavras de divina instrução: ‘Ai de vós, quando todos vos louvarem’” (Lc 6:26; *Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 491). E Jesus, em Sua oração sacerdotal, disse: “Dei-lhes a Tua Palavra, e o mundo os odiou, pois eles não são do mundo, como Eu também não sou. Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do Maligno. Eles não são do mundo, como Eu também não sou” (Jo 17:14-16).

“Deus espera que os que usam o nome de Cristo O representem. Seus pensamentos devem ser puros; suas

palavras, nobres e próprias para elevar. A religião de Cristo deve entretecer-se em tudo quanto eles façam ou digam. Devem ser um povo purificado e santo, comunicando luz a todos com quem se puserem em contato” (Ellen G. White, *Conselhos aos*

“Somos as mãos, os pés e a boca de Jesus, a fim de refletir no mundo o caráter de Deus”

Pais, Professores e Estudantes, p. 322). Sim, o cristão deve estar entre os homens, a fim de que o sabor do amor divino possa ser como o sal que preserva o mundo contra a corrupção.

Até o ano passado, trabalhei como pastor de igreja e, tristemente, observei que os costumes do mundo se incorporavam à vida de muitos irmãos. Preguei sobre o assunto, visitei lares, porém, pareceu-me estar lutando em vão. Desejava que a Igreja produzisse um documento que expressasse mais claramente o tema. Felizmente, esse documento está pronto. Vamos divulgá-lo em nossas igrejas e exortar nossos irmãos a viver de acordo com os princípios estabelecidos por Deus, especialmente nesta época em que o fim se aproxima rapidamente.

Que Deus abençoe você na instrução de seu rebanho! ▀

Presenteie seus amigos
com a esperança que
devemos compartilhar

SEMANA SANTA

As melhores opções
de presentes com
descontos de até 30%

-25%



de R\$ 19,70
por **R\$ 14,80**

Cód. 8778
**TRANSFORMADOS
POR SEU AMOR**
Loran T. Wade

-25%



de R\$ 17,60
por **R\$ 13,20**

Cód. 8644
A PAIXÃO DE CRISTO
Ellen G. White

-25%



de R\$ 17,90
por **R\$ 13,50**

Cód. 8779
GRAÇA ILIMITADA
Dwight K. Nelson

-25%



de R\$ 6,60
por **R\$ 6,50**

Cód. 6153
CAMINHO A CRISTO
Ellen G. White

-25%



de R\$ 43,90
por **R\$ 32,80**

Cód. 13120
**O GRANDE CONFLITO
LUXO**
Ellen G. White

-25%



de R\$ 10,00
por **R\$ 7,50**

Cód. 5100
**CONHECER JESUS
É TUDO**
Alejandra Bullón

-30%



de R\$ 3,90
por **R\$ 2,80**

Cód. 8652
**ATIVIDADES BÍBLICAS
COM A TURMA**
Nadéici Lima Rocha


-30%



de R\$ 26,00
por **R\$ 18,20**

Cód. 7865
**PASSAPORTE
PARA A VIDA**
Alejandra Bullón

-25%



de R\$ 9,60
por **R\$ 6,80**

Pacote com 5
Cód. 5976
FOI POR VOCE
Ellen G. White

-30%



de R\$ 40,00
por **R\$ 28,00**

Pacote com 100
Cód. 5501
**Folheto
ELE É A SAÍDA**